

Diário de Lisboa

Número avulso: 30 CENTAVOS

Administrador e editor

MANZONI DE SEQUEIRA

ADMINISTRAÇÃO { Rua da Rosa, 57, 2.
Telefone: 1.470 O.
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR

JOAQUIM MANSO

SECRETARIO DA REDACÇÃO

ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA

Redacção, composição e impressão

RUA LUZ SORIANO, 48

TELEFONES { Direcção: T. 195
Redacção: T. 319

Endereço telegrafico: DIBOA

QUEIXAMO-NOS ante-ontem do mau funcionamento dos serviços da iluminação que, no espaço de oito dias, já por duas vezes, deixaram Lisboa na treva.

A Associação Comercial também se não conteve, formulando as suas reclamações, perante a direcção das Companhias Reunidas.

A resposta foi esta:

“Que muito lhe pesa o que se tem passado, visto o seu maior desejo ser bem servir o publico. As interrupções na luz electrica são devidas a causas misteriosas, impossiveis de prever. As avarias que ocorrem nos cabos, além dos danos que lhe acarretam, prejudicam também os seus clientes.

Podem, porventura, as Companhias Reunidas ter qualquer interesse em que os seus serviços não funcionem bem?

Empregarão todos os seus esforços, para que de futuro tudo corra melhor, devendo Lisboa, dentro de pouco, sentir que não se trata duma promessa vã..

Pe'a nossa parte, ficamos aguardando os acontecimentos. Esperamos que as Companhias Reunidas consigam suprimir a acção perturbadora dos agentes occultos que avariaram os cabos...

* * *

GRETA Goldenberg cultiva as sciencias naturais. Andando pela Cameroun, em missão de estudo, descobriu uma macaca a quem se afeiçoou profundamente. Habitou-a a vestir-se e a conversar.

O fenómeno encontra-se actualmente em Madrid. Usa oculos e oferece o aspecto duma velha encarquilhada, quando se põe de pé.

Não conhece as linguas europeias, mas compreende todos os dialetos do país em que nasceu, pronunciando muitas palavras deles.

Como os macacos guincham, o facto de aparecer um que fala está despertando a atenção dos sabios.

Um destes prepara uma tese para demonstrar que os macacos descendem do homem—o contrario do que ensinou Darwin.

* * *

NA passagem do ano, o *Diário de Lisboa* expressa a todos os seus leitores, assinantes, anunciantes e colaboradores os seus mais sinceros votos por que os doze meses de 1927 fiquem registados nas suas vidas como um tempo de felicidade.

E, sendo, como é, um jornal que deve grande parte do seu rapido triumpho, ao ambiente de simpatia que conseguiu criar em todo o publico, a ninguém poderá dar este facto a impressão dum banal cumprimento.

Que 1927, seja, pois, para todos—um ano feliz! E' o nosso maior desejo.

* * *

ESTÁ publicado o *Auto dos Pastores Brutos*, para se representar, nas Matinas do Natal. Escreveu-o João Sant'Iago Presado, seguindo a versão popular, orvalhando-o com o realce, a frescura e a emotividade da sua inspiração. Breve daremos mais demorada noticia.

NO FIM DO ANO

Quando acaba um ano, os homens que gostam de brincar com o Tempo, como se o Tempo gostasse de gracejar com eles, imaginam novas ilusões e esperanças, a realizar nos doze meses do ano que começa.

E' o antiquissimo mito da Fenix que renascia das proprias cinzas.

Na nosso coração, acumulam-se as memorias dos sonhos que se desfizeram, as poeiras das imagens que nos sorriram das estrelas...

O homem, porém, diz consigo:

—Visto que o Tempo continúa, porque não hei de de eu continuar também a pensar na Felicidade?

E é assim que das quimeras mortas surgem as quimeras... vivas. Estas um dia caem das alturas, como as folhas dos plátanos, no outono. E outras ambições as substituem, pois que ninguém se resigna a perecer na solidão intermina dos desejos irrealizados.

O mundo marcha sempre: anos e seculos se sucedem, que se repetem, á maneira de ondas do mesmo mar—iguais como duas reproduções do mesmo original.

O Tempo não tem poder creador, a não ser o que nós lhe atribuímos.

Ao findar dum ano, perde-se um pouco da nossa vida e nada mais.

No ano seguinte, outro tanto.

Resultado: depois duma série destas perdas, nós declaramos-nos velhos. A velhice é a historia dum mau negocio. E a imortalidade o desespero dum negociante falido.

* * *

Aos dezoito anos, Maria Dulce sentiu desabrochar uma papoula, na sua primavera.

Amou e no seu amor, duma puresa absoluta, sumiu-se o Tempo e as suas palidas tristezas. Mas um mau vento passou pela campina e a linda flôr murchou.

Chorou lagrimas que seriam perolas, se os homens compreendessem o que é a magua dum amor ceifado—aos dezoito anos.

Foi assim que Maria Dulce adquiriu a noção do tempo—no sabor amargo duma desilusão.

* * *

Nos seus lindos olhos infantis, havia a serenidade imaculada de quem acredita que a vida é feita para a Ventura.

Dormia e sonhava, recebia bonecas, a troco de beijos.

Cresceu—dez anos, quinze anos...

Nos seus aniversarios davam-lhe presentes, cobriam-na de cumprimentos e de esperanças. Largos anos se seguiram. Ventou, choveu, nevou... Nunca tinha visto a neve, senão nos seus cabelos.

Maria da Piedade empalideceu, diante dum espelho—ao pensar no seu passado côr de rosa.

Só restava dela aquilo que nunca quizera ser. Nem ela propria se reconhecia: sorria-se, cheia de dor, mirando os seus olhos fanados, sem saber que desrespeitava as suas ruínas. Ano após ano, se perdera...

* * *

Pobre costureira que, consumida de febre, ia todas as manhãs para o seu atelier. Na rua, os rapazes chamavam-lhe bonita.

Ela còrava e acreditava.

Um dia, não pôde levantar-se—cansada, febril, o pensamento vogando entre rosas e cinerarias.

O medico veio e leu-lhe, nos olhos rasgados, infinitos e torturados, o seu fatal destino.

—Sr. doutor, quando me poderei levantar?

—Não tenha pressa, mas creia que, brevemente, ha-de dar o seu passeiozinho...

Nada mais foi necessario para que, na sua mansarda e no seu coração, fôsse festa—do ano novo.

A dormir, a fantasiar o primeiro beijo do seu noivado, perdeu a lembrança do Tempo...

Vendedor de Esperanças

APESAR do termometro marcar 6 graus abaixo de 0, duas inglesas jovens e bonitas permitiram-se, no dia 27 do corrente mês, passear nas ruas de Londres, com as pernas nuas. Alcançaram um sucesso colossal. Como alguém perguntasse ás duas corajosas “miss, a razão do seu gesto, responderam:

—Queremos casar: procuramos um marido.

O facto de terem pernas bonitas e uma ausência total de pretendentes animou-as. A multidão que as acompanhava não lhes regateou aplausos. Os jovens que lhes sorriam não souberam declarar-se.

E as duas pedestrianistas, depois de algumas horas de reclamo, recolheram a penates, com a impressão de que os bons maridos não se conquistam, mostrando as pernas, mas sim velando-as.

* * *

ESTÁ pronta para a venda a 10.ª edição dos *Namorados*, de Virginia Vittorino.

Este livro que, ao contrario das pessoas, se faz cada vez mais moço, com a passagem dos anos, marca o exemplo do exito, sem reclamo.

Se não soubessemos que era absurdo este desejo, faríamos votos para que todos os autores, de hoje em diante, triunfassem do mesmo modo.

Se o talento fôsse repartido por todos os que escrevem, em dose igual ou aproximada, que cortejo não seguiria atrás dos *Namorados*.

* * *

ROQUE Gameiro acaba de fazer publicar os ultimos fasciculos da notavel obra “Lisboa-Velha”. E' inutil encarecer a obra do eminente artista, no que ela tem de pitoresco e de interesse para todos os que amam Lisboa.

Quere-nos parecer que a Camara Municipal de Lisboa se honraria sobremaneira, consagrando dalguma forma o labor tão desinteressado deste mestre pintor, que assim se compraz em erguer, por iniciativa propria, o padrão mais perduravel e mais nobre á primeira cidade do seu país.

* * *

COMUNICAM-NOS da Presidencia da Republica que a recepção official de amanhã se realizará, ás 11,30, no Palacio de Belem, onde será recebido o Corpo Diplomático, e 12,30 no Palacio do Congresso, onde serão recebidos o elemento official e as pessoas que desejem cumprimentar o Chefe do Estado.

Tanto num como noutro local, as horas de recepção são as que já vieram indicadas nos jornais.

* * *

DEU-NOS o prazer da sua visita o antigo cantor sr. Antonio de Andrade, penhorando-nos com a sua gentileza.

* * *

DA gentil actriz Deolinda de Macedo recebemos 50\$00 para os pobres do *Diário de Lisboa*—oieria que muito lhe agradecemos.

Bal-Tabarin

Sevilha em Lisboa

Continuam todas as noites obtendo grande successo no elegante "cabaret", da rua da Gloria, a graciosa coupletista La Dorotella e a simpatica bailarina Teresita Girasol.

E' hoje que o publico de Lisboa vai apreciar uma grande novidade, para nós desconhecida, com a estreia surpreendente de 6 gentis bailarinas gitanas, que constituem um magnifico quadro flamengo, contratado expressamente em Sevilha para este "cabaret".

Assim vai o publico admirar os verdadeiros espectaculos á sevilhana.

Hoje tambem se estreia a gentil bailarina La Romerito, que vem precedida de grande fama.

O maior acontecimento do dia vai ser a reparaçao da notavel tonadillera Solita Sanahuja, que a constantes pedidos volta a Portugal unicamente para trabalhar neste "cabaret", que vem agora precedida com um soberbo e novo repertorio e com surpreendente guarda-roupa.

Como se sabe, a insigne artista é considerada em toda a Espanha como estrela da canção espanhola.

Além de possuir uma linda voz é sobretudo elegante e a sua formosura é tão bela que encanta o publico.

Mais uma vez Solita Sanahuja vai dominar os frequentadores do "Bal-Tabarin", Montanha. Ela é, sobretudo, a artista predilecta e adorada das senhoras, pela sua suprema elegancia e pela linha fidalga como representa.

Vai, pois, ser um dia de festa a entrada do ano novo no "Bal-Tabarin", Montanha, onde se passam horas agradaveis, com deslumbrantes bail es no salão nobre e jantares completos a 10 escudos e ceias completas a 12 escudos.

O ANO BOM DAS CRIANÇAS

Uma surpreendente «matinée»

no Coliseu

Um ano que começa bem é um ano que começa na alegria, e num lar não ha alegria completa que não nasça do contentamento infantil. A festa do Ano Bom é uma festa familiar, e, por isso, mais do que nunca o riso dumha criança constitue a mais pura expressão de felicidade.

Para ver sorrir uma criança, basta a promessa de a levar ao Coliseu. E' uma promessa facil de cumprir, porque amanhã realiza-se ali uma grandiosa "matinée", com todos os atractivos da Companhia de Circo, o que garante a todos os espectadores, grandes e pequenos, a maior soma de prazer e distracção. Além dos leões, dos ursos e cavalos, além dos palhaços e faz-todos, acrobatas, excentricos, equilibristas, "dresseurs", saltadores, sem contar com os trabalhos de maior sensação, como a Bala Humana — no programa da surpreendente "matinée" de amanhã figura, tambem, uma encantadora criancinha de quatro anos, que executa varios exercicios equestres, montada num lindo "poneyzinho".

Boa Pensão

Lindo salão de jantar decorado á Luiz XVI. Quartos bem mobilados, amplos, confortaveis, o que ha de mais moderno. Casas de banho. Preços: quarto e pensão desde 20\$00 diários. Reduções a casais. Só pensão, desde 360\$00 por mês. — Avenida da Liberdade, 180, junto ao Tivoli. Telefone Norte 987.

Casa de Saude das Bonecas

Rua Serpa Pinto, 34

Deseja aos seus pequeninos clientes e seus pacinhos um ano repleto de felicidade.

MEMORIAS

O maestro
MANUEL BENJAMIM
e Camilo Castelo Branco

Como brevemente se cantara em S. Carlos a encantadora opera «Onés de Castro», de Rui Coelho, em recita de beneficio ao velho e glorioso Manuel Benjamim, é nosso dever evocar, ainda que rapidamente, o passado do illustre maestro ultra-septuagenario, hoje vergado pelo peso da idade e da adversidade.

Num feliz dia do seculo passado, nasceu no Porto o nosso illustre maestro. Nesse tempo, na velha cidade, palpitava ainda a tradição da galantaria portuguesa e o culto pelo vestuario ombreava ariosa mente com o intensivo tráfego mercantil. Nas conversas das grandes reuniões, ás noites, num sentimentalismo ultra-romantico, lembravam-se, com certa magoa, a apurada elegancia do duque de Palmela e de Garrett e as antigas e lindas casacas de pano preto.

Como verdadeiro tipo de dandy, que Manuel Benjamim conheceu, apparece, numa curiosa vida de boémia, o engraçado Eduardo Cheira, que, irradiante na sua calça direita e na sua casaca com grandes botões, usava bengala á «imperi» e «vidraça no olho». Como empresário do teatro de S. João, conquistava amizades e gargalhadas com a mesma facilidade com que avassalava corações femininos. Foi ele que, sempre irrepreensivel na sua luva de pelica, disse um dia ao nosso maestro, então menino e moço: «Tens habilidade, rapaz; as tuas musicas são filhas do Salvinio». A estas palavras, o jovem artista sentiu que as azas da gloria lhe acariçavam as faces, porque Salvinio tinha no talento a mesma nobreza que lhe corria no sangue.

Se Eduardo Cheira conseguiu ser o elegante gracioso, cujos ditos e anedoctas provocavam a hilariedade dos amigos, Ricardo Brown, rico, poeta e audacioso, foi o enlevo da rapaziada petulante e o mais escrupuloso respeitador do figurino.

Pereira Pate, desprezando os apuros do vestuario, foi a lingua má que ergueu forças á reputação das pobres pecaadoras do Porto e o humorista desleixado que vivia á custa alheia.

Foi nesta sociedade de trabalho e de luxo, onde os ingleses ostentavam galbardamente os primores da sua elegancia no club da Feitoria, que maestro Benjamim recebeu os primeiros applausos de um publico exigente. Tambem «dandy» foi parte da magnifica vida portuense, a que Camilo dava um encanto especial com a sua ironia inegualavel. Benjamim Coelho Guimarães, pai do jovem artista, convencia nos seus escritorios, na Calçada dos Clerigos, tudo o que o Porto possuia de melhor nas letras e artes. Conversava-se e ria-se e o velho vinho do Douro e a celebre cerveja da rua da Paz alegravam Arnaldo Gama, Aires de Gouveia, Camilo, Rodrigues de Freitas e até o proprio Amorim Viana. Camilo tornou-se elemento indispensavel nestas pacatas festas: a sur memoria pr vilegiada era uma fonte inexgotavel, donde fluvia com serena limpidez toda a nossa historia literaria. Quando dos seus labios inquietos caia uma tempestade de frases de ouro, estabelecia-se um silencio augusto e até Pinheiro Alves, mal supondo a desgraça que o havia de fulminar, se sentia hipnotizado...

Uma paixão imensa como o génio do romancista, levou Camilo ás cadeias da Relação, e ali o nosso maestro, então nuanço, ia entregar, escondidamente e por mandado do pai, dinheiro para os cigarros do infeliz encarcerado.

Manuel Benjamim, tendo sido discípulo do nobre Gustavo Salvini Romanoff, herdou-lhe as qualidades artisticas, e, compreendendo a adoravel poesia da alma portuguesa, em mais de meio seculo, só escreveu musicas genuinamente nacionais. Conhecedor da graça ainda moça de Gil Vicente, bem cedo ponde apreciar os ditos picantes do nosso antigo teatro, e, numa deliciosa gargalhada musical, uniu o seu talento ao do infeliz Antonio José: assim nasceu a musica para a comédia «Guerras do Alecrim e Mangerona».

Alegre e desquidado sentindo a bolsa atagada pelo carinho paternal, com pouco mais de dezasseis anos, meteu-se a empresário e levou uma companhia a Oliveira de Azemeis. Enquanto, certa noite, na representação cuidada da «Onés de Castro», o publico se comovia até ás lagrimas com o perdo suplicado por aquelle que depois de morte foi rainha, um espectador, tomando o caso a sério, de cado em punho, exclamou furioso: «Perdoei-lhe, que mando eu! O actor Pereira Quartelheira, que fazia de Afonso IV, tomando a ira daquele valentão, disse para a actriz: «Está perdoada, que manda quem pôde!» E a peça continuou até ao fim.

Depois disto, quanto trabalhou Manuel Benjamim! Quantas são as suas operas comicas e operetas!

O «Lior de Ouro», opera comica em três actos, constituiu, no Porto, um verdadeiro successo, successo em que Angela Pinto conquistou definitivamente a gloria, que, depois, a acompanhou pela vida fóra.

Dissemos que Manuel Benjamim escrevia sempre musica genuinamente portuguesa, e, por isso, e que, seduzido um dia pela prosa cantante e ingenia de Julio Diniz encantado com as «Pupilas do Senhor Reitor», musicou a «Morena», essa linda canção da cabreira, a que Filipe Duarte, Leon Jamet e Frondoni tinham prestado culto numa soberba oração de sons.

Não podendo numerar na exiguidade de um artigo, todas as composições do illustre maestro, ao terminar, só diremos que ele tem sido um dos mais belos exemplos da velha dignidade espirital da nossa raça, dessa dignidade pela qual os nossos grandes artistas sempre entraram afoitamente pelas portas da Posteridade a descansar no peristolo da Fama.

MAGNUS BERGSTROM

Mundanismo

Concertes elegantes

No S. Luiz

Com um programa verdadeiramente sensacional, realisa-se no proximo domingo, no S. Luiz, o segundo e ultimo concerto em que toma parte conjuntamente com a orquestra sinfonica a insigne cantora russa Nino Kochitz, que se fara ouvir em obras de Pauré, Dupare, Borodin, Moussorgski, e de outros compositores franceses e russos. Completam o sensacional programma da grande orquestra sinfonica portuguesa, sob a regencia do illustre maestro Pedro Blanch, «As alegres comadres de Windsor, de Nicolay, «Dois noturnos, Nuages Fete», de Debussy, e «Rapsodia Hungara», em dó, de Liszt, sendo de prever uma tarde elegantissima.

Casamentos

Realizou-se ontem na capela do palacio de sr. Conde de Almarão, em Benfica, o casamento de sua filha D. Maria Leonor, com o engenheiro de minas sr. Albino Neves da Costa, filho do sr. Antonio Francisco Neves da Costa, tendo servido de madrinhas as sr.s D. Fernanda Le-Cocq Abecassis e D. Julia Posser de Andrade, tias da noiva, e de padrinhos os sr.s engenheiro Guerreiro de Sousa e João Freire de Sousa, sendo o acto celebrado por sua excellencia reverendissima o sr. Bispo de Leiria.

Finda a cerimonia religiosa, foi servido um finissimo «lunch», partindo os noivos depois, no «Sud-express», para Lourdes, de onde seguem para Paris, onde vão passar a lua de mel.

Na «corbeille» via-se grande numero de valiosas prendas.

Na paroquial igreja de Santa Maria, em Torres Novas, realizou-se o casamento da sr. D. Desdemona Dias Duarte Sargado interessante filha do sr. João Duarte Braga e sobrinha do sr. Alfredo Dias Sargado, com o sr. Antonio Nogueira Serra, filho do sr. Jaime Cristiano Ferreira Serra, tendo servido de madrinhas as sr.s D. Emilia de Jesus Ferreira Sargado, tia da noiva e D. Maria Emilia Serra Carvalho Dias, irmã do noivo e de padrinhos o sr. dr. Lourenço Rivotti e o pai do noivo.

Finda a cerimonia religiosa foi servido na residência do pai da noiva um fino «lunch», partindo os noivos depois para o Monte Estoril, onde foram passar a lua de mel.

Na «corbeille» via-se grande numero de artisticas prendas.

Em viagem

De Santa Comba Dão, regressou com sua familia, o sr. Domingos da Costa Cerveira do Amaral.

Partiu com sua esposa a sr.ª D. Maria da Conceição da Rocha Vasconcelos de Lacerda e seus filhos, da sua casa da Foz do Douro, para o seu solar da Fonte Velha, em Ponte da Barca, o sr. dr. Antonio Pereira da Rocha Vasconcelos de Lacerda.

Regressou da Chamusca o sr. Carlos do Amaral Neto.

Doentes

Retiron, completamente restabelecida, da Casa de Saude de Benfica, onde foi operada pelo illustre clinico sr. dr. Sabino Pereira, Madame Teixeira Pinheiro.

Teatro de S. Carlos

E' esta noite a sensacional «première» da tragedia lirica, em três actos, «Fedora», de Gabriel d'Annunzio, musica de Ildebrando Pizzetti. Desempenha o papel de protagonista a grande artista italiana Giulia Tess, a melhor interprete desta obra-prima de musica moderna. Os restantes papeis estão a cargo da soprano Mirella, meio-soprano Amato, baritone Emilini e baixo Donaggio.

Dirige a orquestra o maestro Giacomo Armani que tem sido incansavel na montagem da obra.

O entusiasmo dos interpretes, da orquestra e das poucas pessoas que tem assistido aos ensaios, e ja uma garantia de exito. O admiravel preludio do 1.º acto, a introdução do segundo, a entrada de Hipolito, as lamentações pela morte de Hipolito, são outras tantas joias da partitura que conta algumas das mais belas paginas da musica de todos os tempos, como por exemplo o coro das lamentações acima citado, escrito para vozes só, e que produz um efeito impressionante, unico no teatro musicado.

E, pois, de esperar que o publico concorra em grande numero a recita de hoje, coroando com os seus applausos mais calorosos, a dupla obra de arte, poetica e musical, que esta noite, pela primeira vez, se representa no nosso pais.

BRISTOL CLUB DANCING

O UNICO SEMPRE EM FESTA

Comercio e Industria

Seguros em todos os ramos

R. ARCO BANDEIRA, 22

Festas do Ano Bom

O melhor brinde que se pode oferecer pelo ANO BOM é um corte de fato, sobretudo ou casaco de senhora comprado por baixos preços no

Deposito da Covilhã

ROCIO, 93, 1.º Telef. N. 4663

Dão-se brindes

Tem alfaiataria com execução rapida

Enviem-se amostras ao domicilio e para a provincia

AVENIDA PALACE CLUB (PALACIO MAYER)

HOJE

GRANDE FETE DE NUIT

SOUPER DANSANT

com o concurso do celebre Jaz-Band LOS AXEJOS Los Reys del Tango.

VARIEDADES — SURPRESAS — BRINDES A TODAS AS SENHORAS

BRISTOL CLUB
REVEILLON
1926-1927 DANCING

A MORTE DUM JORNALISTA

Sarmiento Duque

e a sua scintilante obra

de cronista

relembrada por Artur Portela

A mais pequena criança é muito maior do que Deus — porque Deus se faz voluntariamente pequeno para tornar enormes todas as criancinhas.

Vespera de Natal, veio hoje à tona de meu espírito, mar de incertezas, a recordação dum dito infantil proferido, já lá vai um ano, pelo Joséito — quatro primaveras fulgurantes que uma doirada morte escoltada por serafins conduziu ao céu. As lágrimas que o pequenito deixou no mundo são hoje sorrisos de saudade a sublinhar, a graça precoce dos seus conceitos quasi profundos.

Já lá vai um ano. Eu conto a história e juro-lhes que a escrevo a sorrir.

Os olhos scintilantes do Joséito perguntaram interessadíssimos no momento de se fecharem para dormir:

— Diz, mamã! Que sapatos puzeste na chaminé? Os novos?

— Não, meu filho, os de trazer por casa. Bem sabes que o menino Jesus não gosta de crianças vaidosas.

O pequeno, discordou, num amúo:

— Os sapatos velhos! Jesus vai pôr lá brinquedos que já foram de outros meninos.

— E's tonto! Dorme! Dorme!

O Joséito fechou os olhos, mas não dormiu. Jesus, os sapatos velhos e a previsão de maus brinquedos, pesavam-lhe no espírito. Pequenino dissimulador, fingiu um sono calmo. E mal se sentiu sósinho, saltou do leito, procurou os mais lindos sapatos e pé ante-pé, aos apalpos pelos corredores, foi colocá-los no local do preceito, ao lado dos que sua mãe lá colocara.

Quiz retroceder para a cama. Espicacou-o uma curiosidade menina de ver Jesus e o carro enorme em que ele devia transportar tantos bonitos, tantos...

Sentou-se. Adormeceu ao fugir dos primeiros minutos. E de um sono tão profundo que a mãe, dando por falta dele quando se lembrou de ir ver se a roupa estaria bem conchegada ao seu corpo, o pôde transportar para o leito sem que desse acôrdo de si.

— Geladinho! Que horror!

Acordou manhã baixa, o Joséito. E quiz-se vestir imediatamente o pôs a casa em dobadoira e conseguiu os seus fins.

Uma vez em pé, arrastou a mamã até à cosinha, num alvoroço:

— Mamã! Vamos ver o que me trouxe o menino Jesus!

Na chaminé, em cima dos sapatos velhos, repousava de rodas para o ar, em posição de vítima de atentado ferroviário, um luxuoso comboio de corda.

O Joséito bateu palmas, riu, rejubilou.

Mas de repente... lembrara-se da viagem nocturna, o pequenito, e constatava que os sapatos novos não estavam onde os tinha deixado. Sacudiu-o uma aflição. Nervoso, muito nervoso, muito triste, inquiriu:

— Mamã! Tu sabes dos meus sapatos novos?

— Levou-os Jesus para dar a um menino que não tinha que calçar.

Joséito ficou mudo uns segundos. Depois, numa interrogação em que havia alguma dor, disse assim:

— Mas porque é que o menino Jesus, em vez de brinquedos, não tráz sapatinhos novos para dar a todos os meninos que andam descalços?

* * *

Vozes conhecidas me tinham dito que ele «osava» para a boca aberta do próximo, junto da Misericórdia, em todos os dias de extracção.

Da sua vida sabia-se apenas que era um esfarrapado, abastecido a caldos e decilitros, com uma ideia, persistente chamada mania — a de se habilitar com uma de quinze centavos todas as vesperas de rodar de esferas na Santa Casa.

São dez horas da noite! Começa agora a vida latejante dos jornais da manhã. Quantas figuras curvadas sobre a mesa do trabalho! Quantas penas, impulsivas, nervosas, sinceras, correndo as ruas de todas as cidades, os mil caminhos da terra e os mil casos do mundo! Como sempre — a vida não pára. Tombou um — mas os outros, os que ficam ainda fóra da ilusão da eternidade, sem aquele perfume do sonho que só a morte dá, continuam vencidos e agrihoados à existência que os tritura, transformando cada gota de tinta numa gota de sangue, cada palavra escrita numa alma palpitante, que nem sequer um minuto dura na anciedade enorme e anónima da multidão... E o trabalho vai amontoando palavras, sensações, delírios, catastrofes.

Aqui um grito, além um sorriso, depois um caso banal, um drama, a virtude rara duma mulher do povo que soube amar, a cabeça dum herói que se sacrificou ignorado numa terra distante... Tudo quando é belo e miserável. Tudo quando cabe na mão duma criança ou excede o pensamento dum estatuário.

Mas enquanto nós vivemos a vida dos outros, dando a alma dos outros a nossa alma — está estendido, sobre uma urna triste, onde as flores já murcharam, queimadas por uma ardente saudade — um irmão nosso, talvez o mais querido por ser o mais leal, talvez o mais inteligente por não ter sabido vencer a vida, vencendo-se!

Sarmiento Duque! Ele dorme — entre o silêncio e a serenidade, dois encantos tão grandes e tão profundos que vêm, decerto, do coração da terra, hoje mais triste, hoje mais pesada...

A morte foi linda, está linda ainda nesta hora sobre o seu cadáver... Na sua mão fechada, na mão que escreveu e soube comover, e soube ainda lapidar um sorriso e levantar uma saudade, um ramito de violetas, fanadas, emurchecidas, num simbolismo de acaso, que é o milagre de Deus sobre a alma dos bons, como Sarmiento, lembram — oh! se lembram! — as suas aspirações vibradas na poeira dum talento de ouro — desfeitas pela existência, sem sacrifício, nem vaidades, mas teimosamente, continuamente, como se o tempo, para ele, não tivesse jamais limites...

A vida de Sarmiento Duque foi igual à sua carreira de jornalista. Nunca publicou uma obra de vulto, mas escreveu nas páginas dos jornais, o grande livro do destino que na própria morte quotidiana, encontra a sua vida imortal, muito coisa bela, muito período lapidado primorosamente, com um requinte de estilo, que tinha a rara virtude de ser singular, muita crónica de alegria, de transparência, de ilusão pagã, — que era a flor da língua portuguesa, em graça, em espírito e em boémia. E para mais não dizer de Sarmiento Duque, deixem que aqui lembre uma confidência literária, feita já quando doente. Queria escrever um livro — um livro de amor, em que a figura da mulher fosse ceguinha... Amor que não via, amor que não é deste mundo, amor do céu, onde a alma de Sarmiento, nosso irmão, já anda escrevendo com o rosário das estrelas a «Ave-Maria», triste da sua vida, tão humida de lágrimas, como o seu pobre coração de romantico, impenitente que soube cantar, ser bom, leal, sem nunca se arrepender...

Artur Portela

Um desleixado e um homem de espírito — um espírito de barriga para o ar, como o corpo que ele estendia de costas, pacientemente, sob uma árvore sem ramos, á espera dum hipotético abraço da «taluda». Desacautelado de nascença, lembrara-se de explorar a vida em cautelas.

E era tudo quanto eu sabia dele. Tudo!

Mas se me garrochava a ideia de transpor a barreira dos ditos e con-

tos, de travar conhecimento pessoal com a indiferença em pessoa, de arrancar talvez duma pança regalada de sono, um cérebro que até á data só luzira para dentro...

Pois vamos ouvir o homem! — disse-me.

E porque não?!

A sua identidade tinha-me sido revelada tão limpidamente como se a houvesse soletrado sobre um cadastro de polícia:

BOLACHAS E BISCOITOS DA PAMPULHA

— SÃO AS MELHORES E O MELHOR BRINDE

A' venda em toda a parte

«Não te rales», «tout court», como o João Ganssin da Sapho.

Calhou hoje. Dia de extracção. Pertinho de casa. Meia dúzia de passos indolentes, um relancear de olhos pelo largo Tridade Coelho — e pronto.

Recordei certas noções de civismo aplicado e endereecei-lhe um pontapé capaz de derrubar um ministerio.

O meu entrevistado, espreguiçou-se e remoeu:

— Jornalista, entrevista... Olha, faz favor, deita-te...

Deitei-me, arrostando heroicamente com os sessenta graus de temperatura do colchão e principiei:

— Que fazes tu por aqui?

— Espero que ande a roda e que desande o calor. Ontem foram trinta e seis graus á sombra!

— E sabendo isso dormes ao sol?

— Bem se vê que não conheces a vida! Onde agora faz sol, já fez sombra

— o vice-versa. Não vale a pena a gente mudar-se. O dia quasi não dá tempo para isso... E que dêsse! Para levantar-me tenho de pôr-me em pé, e eu prefiro a posição horizontal.

Mas desse modo nunca conseguirei fazer vela, nunca chegarei a endireitar-te...

— Quem torto nasce... Escuta-me: tenho sessenta anos de existência e quarenta e dois de vida activa, desta actividade que te vê.

— Se vejo!

— Criança ainda, vive a felicidade de ouvir dizer a meus pais que isto ia mal, mesmo muito mal, que já não tinha concerto. Foi a minha escola. Ah! Ele é isso? Pois bem! Vou passar o dia a fechar os olhos ao sol e a noite a contar as estrelas. E assim pensei e assim fiz. Quem se mata morre cedo e nem por muito madrugador amanhece antes da hora. E' certo que «isto», segundo ouço dizer, continua a ir mal... Pff... Eu cá estou no meu posto, á espera do concerto.

— Amigo «Não-te-roles»! E' indispensavel que comeces a ralar-te. Tu és afinal uma sociedade inteira. A quem dorme arde-lhe a fazenda — e as tua fazendas estão já quasi todas queimadas.

— Quem vier que se encarregue do resale, se o Carlos Pereira ainda existir e quizer mandar abrir as torneiras...

— Mas tu podes viver assim?

— Posso e vivo. Não vivo a saltar, como vês. Mas cá vou andando parado na graça do Senhor, á espera da sorte grande que nunca mais vem e da morte que ha-de vir pela certa muito mais depressa do que a «taluda». A «taluda»! O que é o azar! Ha trinta e cinco anos que jogo no mesmo numero, sem perder um candar de rodas, e espero confiadamente a minha felicidade. Nada! Nada! Nem o mesmo dinheiro. «Não-te-roles», dito isto, preparou-se para adormecer. O pavimento escaudava. Eu não podia mais. Levantei-me com custo — como se levantasse comigo o peso da doutrina do meu entrevistado.

E ia para dizer-lhe adeus sem o acordar, quando um «cardina», esfalfado da carreira rapida, se acercou da tal árvore e iniciou sem preambulo um renhido combate de «box» com «Não-te-roles»...

— O' sr. «Não-te-roles»! O' sr. «Não-te-roles»!

«Não-te-roles» soltou um grunhido. — O seu numero! Bateu hoje! E' a bola! Saú-lhe a sorte grande, sr. «Não-te-roles»!

— Ein?

— A sorte grande! A sorte grande! — berrava o garoto.

E depois, estatelando novamente o corpo:

— Com este maldito calor! Ouve lá, ó meu, tu sabes se eu poderei receber o premio no inverno?

SARMENTO DUQUE

CARTAZ

TEATROS

S. Carlos—A's 21—«Fedra».
Nacional—A's 21—«Frei Luiz de Souza».
São Luiz—A's 21—«O Príncipe Orloff».
Avenida—A's 21,30—«O pé de salsa».
Trindade—A's 21—«Uma mulher sem importância».
Politeama—A's 21,30—«Os Gatos».
Gymnas—A's 21—«O caso do dia».
Apolo—A's 20,30 e 22,30—«Mouraria».
Eden—A's 20,30 e 22,30—«Cabaz de Morangos».
Variedades—A's 20,30 e 22,30—«O Pinto Calçado».
Maria Vitoria—A's 21,30 e 22,30—«Sempre fixe».
Volta dos Recreios—A's 21—«Companhia de Circo».
Bristol Club-Dancing—O unico sempre em festa.

ANIMATOGRAPHOS

Silva—A's 21,15—«Variedades».
Olimpia—Das 2 e 1/2 da tarde ás 12 e 1/2 da noite—Animatografo.
Salão Ideal—Animatografo.

Teatro São Luiz
 Lisboa inteira, mais de 60.000
 pessoas, têm ido ver
 a opereta

O PRINCIPE ORLOFF

AUZENDA DE OLIVEIRA
 na encantadora toilette de vene-
 ziana do 3.º acto

Hoje — Todas as noites — Sempre
O PRINCIPE ORLOFF
 O teatro tem aquecimento

TEATRO AVENIDA Tel. N. 4356
 COMPANHIA SATANELA-AMARANTE
 HOJE, ás 21,30:
 REPRESENTAÇÃO

O Pé de Salsa

VARIEDADES — (Parque Mayer)
 Teatro de Comédia e Farça
 Companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho

HOJE
O Pinto Calçado
 Ultima semana

A's 21 horas **TRINDADE** Telef. T. 976
 Companhia Lucilla Simões-Erico Braga

Hoje:
 1.ª representação de

**UMA MULHER SEM
 IMPORTANCIA**
CELIA GAMEZ

M. Rodrigues Martins, Limitada

Para os devidos efeitos se publica que, por escritura de 11 de Março do corrente ano de 1926, lavrada a fl. 32 v do competente liv. n.º 21-E de notas do notário desta comarca de Lisboa, Mario Rodrigues, entre Manuel Rodrigues Martins e José Martins foi constituída uma sociedade comercial por cotas, de responsabilidade limitada, nos termos dos seguintes artigos: 1.º—Esta sociedade adopta a firma M. Rodrigues Martins, Limitada, fica tendo a sua sede em Lisboa e o seu escritório e domicilio na Rua da Palma, n.º 268, 2.º andar. 2.º—O seu objecto é o exercicio do commercio de importação e exportação e todo e qualquer outro ramo de commercio que a sociedade convenha explorar com excepção do bancario. 3.º—A sua duração é por tempo indeterminado, contando-se o seu começo, para todos os efeitos, desde o dia 2 de Março de 1926. 4.º—O capital social é de 45.000\$, está integralmente realizado e corresponde a soma das cotas dos socios, que são as seguintes: 30.000\$, do socio Manuel Rodrigues Martins e 15.000\$, do socio José Martins.

§ unico. A cota do socio Manuel Rodrigues Martins é representada em mercadorias (artigos de novidade), que traz para esta sociedade e nela põe em comum, no valor convencionado de 30.000\$.

A cota do socio José Martins é representada por 6.586\$85, em dinheiro já entrado na caixa social, 5.000\$, em que é avaliada a mobilia e utensilios de escritorio que traz para esta sociedade e nela põe em comum, e 3.413\$15, valor atribuido ás mercadorias que também traz e põe em comum, nesta sociedade.

5.º—Não serão exigíveis prestações supplementares de capital, podendo qualquer dos socios fazer a caixa social o suprimento que esta carecer para as suas operações, que vencerão o juro que os socios entre si combinarem. 6.º—A administração e gerencia da sociedade ficam incumbidas aos dois socios, sem caução. Qualquer deles poderá obrigar a sociedade e usar a firma, que deve ser empregada nos actos e documentos que directamente digam respeito aos negocios sociais. 7.º—A divisão de cotas pelos herdeiros do socio falecido não carece da autorização ou formalidade prévia. 8.º—A cessão parcial ou total de cotas a favor de estranhos só se poderá realizar depois de obtido o consentimento do outro ou outros socios. 9.º—Os balanços gerais são sempre referidos a 31 de dezembro.

Os lucros apurados, líquidos de todas as despesas e encargos, e depois de deduzidos 5 por cento para fundo de reserva, serão divididos pelos solos na proporção das suas cotas. 10.º—A sociedade dissolve-se pela simples vontade de qualquer socio e nos demais casos legais.

Em qualquer caso de dissolução serão liquidatarios todos os socios e a liquidação e partilha dos haveres sociais serão feitas como então combinarem e for de direito e, na falta de accordo, por licitação entre os socios. 11.º—Por falecimento ou interdição de qualquer socio a sociedade continuará entre o socio sobrevivente ou habil e os herdeiros ou representantes do socio falecido ou interdito.

Se aos ditos herdeiros ou representantes não convier ficarem associados, todo o activo e passivo da sociedade ficarão a cargo do socio sobrevivente ou habil e os ditos herdeiros ou representantes receberão de pronto o que se apurar pertencer-lhes por um balanço especial a que então se procederá. 12.º—Em todo o omissio regularão as deliberações dos socios constantes das respectivas actas e as disposições das leis applicaveis.

Lisboa, 12 de março de 1926.—O Ajudante do notario Mario Rodrigues, Luiz de Sousa Rebelo.

Sorres grandes?
 só o **PINA** as vende
75 — Rua de S. Paulo — 77

BRISTOL CLUB DANCING

Jantar concerto das 19 ás 22 h.

QUEBRADURAS

A casa BLETY, a grande casa ortopedica franceza estabelecida em Barcelona (Espanha), Rambla de Cataluña, 65, já de ha multos anos, ao tomar conhecimento das formações do seu especialista, no regresso das suas recentes viagens por Portugal, do carinhoso acolhimento que o dislinto publico portuguez em geral lhe dispensou, vem, por intermedio da nosso jornal, agradecer sincera e efusivamente ás inumeras pessoas de todas as classes sociais que o honraram com a sua confiança.

Para corresponder a tão nobre e entusiastico acolhimento, a casa BLETY informa o publico de que logo que passem as festas do Natal, do Ano Bom e dos Reis, fará o sacrificio — por ter solicitações doutros paizes — de voltar a enviar a Portugal o mesmo especialista, com o fim de beneficiar nas suas consultas todas as pessoas (homens, senhoras e crianças) victimas de quebrasuras.

Sempre com o mesmo bom desejo de corresponder ás atenções recebidas e como o annunciou já verbalmente a muitas pessoas o nosso especialista, a casa BLETY está estudando a proxima instalação duma sucursal em Lisboa, que permitirá atender ainda melhor e com mais rapidez e eficacia á sua já numerosissima clientela. A direcção dessa sucursal será oportunamente indicada por meio de anuncios na imprensa.

Entretanto, todos os quebrados devem ler com muito cuidado os anuncios que começarão a publicar-se na segunda quinzena de Janeiro com a lista de todas as cidades que serão visitadas, a fim de poderem aproveitar imediatamente tão boa oportunidade de se tratarem.

Rigor da Moda

GRANDE ALFAIATARIA
CASIMIRAS E ESTAMBRES
PRETOS E AZUES

Fatos já feitos, desde . . . 250\$00
 Sobretudo, ultima moda . . . 190\$00
 ACEITAM-SE FATOS A FEITIO
RUA DE S. NICOLAU
 Esquina da R. dos Douradores

MOBILIAS

CASA de jantar H. 2.ª, (11 p.) . . . 1.300\$00
 Dita com vitraux e espelhos (17 p.), freijó . . . 2.100\$00
 Dita nogueira, (18 p.), rica . . . 6.000\$00
 Quartos de cama, (7 p.), desde . . . 1.700\$00
 Escritorios (5 peças), desde . . . 800\$00
 Salas de visita (12 p.), a inglesa . . . 550\$00
 Camas, á inglesa . . . 160\$00
 Toiletes, espelho bisó . . . 400\$00
 Além destes artigos ha mais variedades. Pianos, cofres e oleados.

M. Lopes Coelho, Brito, L. da
 R. Atalaia, 71, Tel. 287, T.

Teatro São Luiz

EMPRESA A. RAMOS, LIMITADA

CONCERTOS BLANCH

Domingo, 2 de Janeiro, ás 15 h.
 8.º concerto de assinatura da

Orchestra Symphonica Portuguesa

dirigida pelo Maestro **PEDRO BLANCH**

em que toma parte pela ULTIMA VEZ a

celebre cantora russa

Nina Kochitz

que cantará com a orchestra obras de Fauré, Duparc, Berodin, Monssorgsky e outros compositores franceses e russos. Pela orchestra, «As alegres comadres de Windsor» de Nicolay; «Dois nocturnos», «Nuager», «Fête», de Debussy; «Rapsodia Hungara em dó», Liszt.

BILHETES A VENDA

POLITEAMA Empresa Luiz Perreira
 Telef. N. 3028

HOJE — Companhia Ilda
 Stichini-Alexandre d'Azevedo A's 21,30

Os Gatos

De noite para noite acentua-se o exito formidavel dos quadros novos «Fora d'Horas» e «A BALA HUMANA», que, no EDEN, ampliaram a revisia CABAZ DE MORANGOS. Hoje repetem-se, em duas sessões, e amanhã, 1.ª : : : DIA do ANO, e no domingo : : : OS BILHETES NAO SOFREM AUMENTO

Colecção de hoje

(Biblioteca de Romances
 da Actualidade)

ALBERTO INSUA

O preto que tinha alma branca

Tradução de

AURORA JARDIM ARANHA

Um volume com capa ilustrada . . . 10\$00
 Encadernação especial . . . 15\$00

Livraria Civilização—Editora

Rua das Oliveiras, 75

PORTO

**A' VENDA EM TODAS
 AS LIVRARIAS**

Banco do Fayal

SOCIEDADE ANONIMA RESPONSABILIDADE LIMITADA

FUNDADA EM 1922

Séde: HORTA-FAYAL-AÇORES

CAPITAL

Autorizado 4.000.000\$00
 Realizado 3.000.000\$00
 Fundo de reserva 1.170.000\$00

AGENCIA DE LISBOA

83 -- RUA AUGUSTA -- 87

TEL. C. 904

Realiza todas as operações bancarias

MOVEIS

PREÇOS RESUMIDOS

5.950\$00 4 MOBILIAS Quarto, casa de jantar, sala e escritorio 33 peças	2.500\$00 Quarto com psiché, estilo inglês massiço	3.800\$00 3 MOBILIAS Casa de jantar, quarto, sala ou escritorio, 28 peças
1.750\$00 Quarto de cama	4.000\$00 Quarto em mogno, queimado, massiço	1.250\$00 Casa de jantar
Desde 800\$00 Escritorio massiço	1.800\$00 Casa de jantar, estilo inglês, castanho	Desde 600\$00 Sala de visitas

Grandes "stocks" e variedade em mobillas e moveis desirmanados. Carpetes, tapetes, oleados, maples, etc.—E' a casa que mais barato vende

ARMANDO SANTOS

R. das Gaveas, 29 a 33 Primeira rua vinda do Chlado (Ao Camões)

O TEATRO DE ROSTAND

Da peça "A Samaritana," que Antonio Carneiro traduziu transcreve-se a scena III do primeiro acto

JESUS— Dá-me uma sede d'agua...
PHOTINA— Já te passou co'a sede o escrupulo do nojo!
Pois se o teu pé pisar um escorpião de rojo,
E'-te menos nocivo, e mais honroso. crê,
Que teres seja o que fôr que algum de nós te dê!
Por mais que tu implores, a bilha não se larga
P'ra te dar de beber de sobre a minha ilhargal
Morre pr'a ai, judeu, sem que te dessedentes!
Ai pobre Eliezar sem escolta nem presentes!
Supunhas-me Rebeca, ó moço!... Pede, pede!
Pede quanto quizeres que te não mato a sede!
Vê esta linfa, vê! Tão limpa, tão fria,
Que a bilha a trasbordar parece estar vazia...
Tão fresca, que atravessa os póros da vasilha
E um suor de frescura inunda a toda a bilha,
Como o rócio p'la aurora a gotejar transluz
Em lagrimas fulgindo, em perolas de luz!
Faz sede o som alegre e claro ao chocalhar!...
E é fina que parece um leve licor d'ar!...
Pois est'agua, p'ra ti, mercê duma lei dura,
Sendo limpa e pura, ela é a mais impura!

JESUS— Mulher!

PHOTINA— Não beberás o mais pequeno trago!...

JESUS— Se soubesses mulher, a esmola que te eu trago;
Que clarão Deus envia ás mais profundas trevas;
E quem é que te pede a agua que tu levas,
Talvez quem me recusa essa agua e me repele,
Em vez de eu t'a pedir a implorasses d'Ele...

PHOTINA— Falas confusamente a fim de me reter...

JESUS— Agua viva, crê tu, te dava Ele a beber...

PHOTINA— Lindo judeu, bem sei que a tua meiga voz
Ao falar de tal agua acorda interesse em nós!
Mas como a vais buscar, palido judeu moço,
Se tu não tens com quê, e é tão profundo o poço?
De que agua falas tu? Em que é que ela consiste?
Onde é que a vais buscar? E, dize-me, é que existe
Agua como a d'aqui? Olha que vem de fóra
Gente para a buscar a andar mais d'uma hora!
P'r'a tribu de Jacob se abriu esta cisterna,
E este poço ha de ter no mundo fama eterna.
D'aqui tudo bebeu! Tanto homens como o gado!
E entre os de maior fama o poço é celebrado!
Tu não vais difamar um poço que deixou
Jacob p'ra todos nós!... E's mais do que ele?

JESUS— Sou.

PHOTINA— Se eu deixasse cair na concha da tua mão
Um pouco dela só, ... tu verias então!...

JESUS— Quem beber desta agua a sede volta a ter;
Mas não mais terá sede aquele que beber
Da agua que eu lhe der; será uma nescente
Co'o fresco borbulhar d'uma agua permanente.
E nunca, nunca mais, dagua haverá mister,
Aquele que beber a agua que lhe eu der!

PHOTINA— Quê?! Nunca, nunca mais?! Então será, por certo,
A de Elias profeta. O que andou no deserto
Sem beber tanto tempo! E' p'ra que te convenças
Que não sou ignorante assim como tu pensas,
E que sei muito bem que houve um profeta Elias
Que esteve sem beber mais de quarenta dias,
Sem de leve sentir a mais ligeira sede.
Conhecer-lhe o segredo? Ensina-m'o. Isso impede
De aqui vir cada dia a transportar a bilha...
Beber por uma vez! Agua de maravilha!
Que cara vinha a ser! Tinha um consumo infindo!

JESUS— Queria erguer-te da terra e só me estás ouvindo
Co'as orelhas de carne e a alma desatenta!...

PHOTINA— Agua que para sempre a gente dessedenta!
Ensina-me onde está esse filão escondido...

JESUS— Seja. P'ra t'o dizer, traze-me o teu marido.

PHOTINA— O meu marido?

JESUS— Sim.

PHOTINA— Mas eu...

JESUS— Que hesitação!...

PHOTINA— Traze-me o teu marido.
E' que o não tenho... Não.

JESUS— E dizes muito bem. A alguém o corpo dás,
Mas não é teu marido o homem com quem estás.

PHOTINA— Senhor!

JESUS— Tu dizes bem, mulher. Pois, com efeito,
Não desposaste aquele que dorme no teu leito
Como não desposaste os cinco mais... Senhor!

PHOTINA— Cinco amantes na vida, ó femea sem pudor!
Seis bodas, sem que nunca em casa se reuna
A multidão alegre, amiga e importuna
Dos convivas... Senhor!

PHOTINA— Senhor!

JESUS— Sem banquete jovial;
Sem facho nem pudor na alcova nupcial;
Sem o ramo de myrto a agitar sobre ti...

PHOTINA— E's propheta, Senhor!

JESUS— Propheta, porque vi
Claro na escuridão da tua indignidade!
Já me supões propheta! A mim, que, na verdade
Verdades bem maiores tenho p'ra te dizer...

PHOTINA— Mestre, dize-me então...

JESUS— O que queres tu saber?

PHOTINA— Dize porque o judeu aos de Sichem despreza,
Por ser n'aquelle monte, além, que a gente reza.
Ora, segundo ouvi, nossos comuns avós
Só rezavam no monte onde hoje oramos nós.
O que hei-de pensar eu? Doutores e Sacerdotes
Sabem o que fazer. Nós, sem os mesmos dotes,
Quando queremos rezar muito hesitamos, pois
Nos espanta, Senhor, que os montes sejam dois.
Se cada Sacerdote um monte nos indica,
A gente, vacilando, hesita, pára e fica...
—«Rezem n'aquelle monte, ele é o mais antigo!»
—«Só deveis ir rezar áquele onde eu vos digo!»
E sem sabermos bem por qual nos decidirmos,
Ficamos entre os dois, sem a nenhum subirmos.
E assim ficam no val', crentes feitos atheus,
Num vale aonde ha flores que fazem esquecer Deus!

JESUS— Socega: a hora vem; a hora é já presente,
Em que não é preciso, ingenua alma inocente,
Rezar no Gavizim ou em Jerusalem.
Sabe que d'oravante, ó mulher de Sichem,
Ao Pae se ha-de rezar em espirito e em verdade.
Reza seja onde fôr, e onde te der vontade.
Que importa o sitio aonde então os psalmos teus?
Pae é Espirito só. Espirito só; e é Deus!
E que em Espirito pois, e que em Espirito ainda,
E sempre, vós Lhe deis adoração infinda.

PHOTINA— Vivi longe de Deus, da tua voz, de ti.
Ha tres crenças porem, que ainda não perdi:
Dentre os mortos eu sei que a gente ressuscita;
Que ha um anjo do ceo que ás vezes nos visita,
E creio sobretudo,—ó! firmemente creio,—
Que o Messias virá, e que por ele aneeio!
Christo? Ha-Schaab? Que sei eu? Qualquer que eu não
conheço...

JESUS— Os mais humildes sempre! ai, como eu t'o agradeço!
E d'esse Christo então, que pensas tu, mulher?

PHOTINA— Que ha-de vir.

JESUS— E depois? Depois, quando vier?

PHOTINA— Depois, quando vier...

JESUS— Que é que a tua alma julga?

PHOTINA— Que o segredo de tudo ensina e nos divulga.

JESUS— 'Scutae, meu Pae! 'Scutae este simples falar...
Mulher, vens de dizer o que eu queria escutar.
Olha-me. Ergue essa fronte. Ergue o olhar ao meu.
Eu sou Esse, mulher! E o Messias sou eu!

Trad. de ANTONIO CARNEIRO

PAPELARIA MARQUES

Artigos de escritorio

Variadissima coleção de tinteiros, Fazeleiras, Porta-lapis, Maniquios, Molha-secos, Maquinas para aparar lapis, Limpa-penas, Cinzeiros, Pisa-papeis, Pastas para secretária, Carteiras para lettras, Prensas do copiar, Facas para abrir cartas, Caixas para dinheiro, etc., etc.

NÃO DEIXEM V. E. DE VISITAR A NOSSA CASA — R. DO OURO, 36

CARVÃO

CARDIFF ALMIRANTADO

DAS MINAS

NORTH'S NAVIGATION

PORTUGUESE CORPORATION OF COMMERCE, LTD.

CAES DO SODRE, 64, 2.º

Teleph. C. 4163-4164

Fornecedores dos

Caminhos de Ferro do Estado, Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes, Companhia Nacional dos Caminhos de Ferro, etc.

Manteiga de Avanca

A Sociedade de Productos Lacteos, Limitada, de Avanca, previne os seus clientes que a manteiga do seu fabrico deixou de ser fornecida ao estabelecimento da R. do Carmo, passando a vender-se exclusivamente nos estabelecimentos dos srs. Manuel Tavares & C.ª, R. da Prata, n.º 284, Manuel Tavares da Silva Junior, Limitada, R. da Betesga, n.º 75, Tavares da Silva, Limitada (Antiga Casa José Afonso Viana & C.ª), Praça Luiz de Camões, 33; em envoltórios impressos com o nosso nome e marca registada.

MOVEIS

31--RUA DA ATALAIA--35

GRANDE VARIEDADE de casas de jantar, quartos de cama, escritorios, salas de visitas, etc., em diversos estilos e madeiras. GRANDE SORTIDO de carpettes, tapetes, passadeiras de juta, cairo, oleado e tapete. OLEADOS para chão e mesas, cortinados, etc.

No interesse dos proprios clientes pode-se uma visita a este estabelecimento pela sua variedade de moveis e os preços serem os mais resumidos possiveis.

Telefone--Trindade 1095

Banco Burnay

S. A. R. L.

CAPITAL --- Autorizado: Libras 1.000.000
Realizado: Libras 500.000

Séde em Lisboa

Teleq. — BURNAY-LISBOA

Operações bancarias de todos os generos
Operações comerciais de importação e exportação

Agentes do Banco Aliança, Porto, da Guardian Assurance Company Ltd., de Londres, e diversas Companhias de Navegação

Mobilias

PREÇOS DE LIQUIDAÇÃO
DURANTE AS OBRAS NA

ANTIGA MARCENARIA DO DESTERRO

Rua do Desterro, 17 a 29

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR

LISBOA

RUA DO OURO, 18. 24

PORTO

PRAÇA DA LIBERDADE, 28. 29

REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO
BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL

Operações financeiras—Fundos publicos nacionais e estrangeiros

CONFORTAVEIS

GENERO MAPPLE FOR-
RADO DE PELLE, ETC.

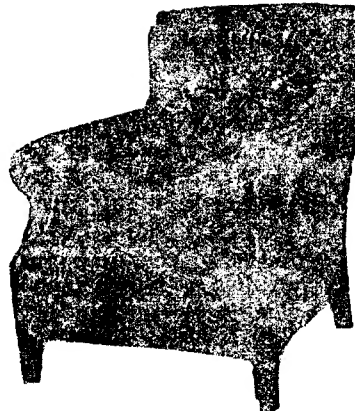
MOBILIAS

GRANDE SORTIMENTO DE
CARPETES
A PREÇOS BARATISSIMOS

JOSÉ OLATO & C.ª (FILHO)

RUA DA ATALAIA 36 a 40—(Predio todo)

TEL. C. 3082



PARTEIRA Leilão de Penhores

Judite Silva

Rua da Magdalena, 132, 2.º

CONSULTAS sobre gravidez e faltas de menstruação. Das 12 às 9 da noite. Recebe clientes em casa.

L. de S. Domingos, 17, 1.º

A 17 de Janeiro

As melhores polainas

Fazenda Inglesa 25 e 30\$00 e grande desconto para revenda provincia a reembolso.

SAPATARIA DUQUE—Rua do Curo, 294

CRONICA DE HAIA

A princeza Juliana

hordeira do trono holandez

DAVA UMA NOVELA

INTITULADA

“Pobre princezinha feia,”

HAIA, Dezembro, 1926. — ...Podia ainda gatar, com assopros de comentários, a noticia da ultima audiencia, inchando-os até deixá-los como um daqueles balões coloridos, que se vendem, em cachos aereos, no Rocio, ao domingo... Podia — mas não quero. Acabou-se a reportagem do julgamento de Marang; acabou-se a lufa-lufa dos telegramas, a esgrima de azagaias, o carnaval dos pseudonimos...

Trim... trim... Intervalo... Desça-se a porta ondulada do meu estabelecimento de reporter. Não falemos mais de Marang nem do tribunal de Haia... — pelo menos, por agora...

... Outro assunto, que nos alivie um pouco, que nos semeie morfina nas veias...

Que lhes hei-de contar? Esperem... Atravessei duas Monarquias: a Belgica e a Holanda... Numa delas, riem-se felizes, dois príncipes, que saboreiam o mel da primeira lua do seu casamento... Na outra, chora uma princesa...

Querem que eu lhes conte uma historia de príncipes? Valeu? Então ouçam...

* * *

Os jornalistas holandeses tinham-nos oferecido, naquela manhã, a Benoliel e a mim, um almoço na Restaurant Royal — mesmo ao lado desse fantastico hotel de baile continuo que é o Hotel das Indias.

Após o almoço e dos fatais brindes que fonografamos — o grupo em que ia o austero e palaciano Peugeot, do Telegraaf, e o alegre, quasi parisiense alemão dr. Marcus, da Volsch Zeitung, de Berlim, descem palestrando, Gevangenpoort — onde vem estacar um canal de aguas verdes, de aguas escuras, de aguas que são já um caudal-ver, fechado num atauda de pedra... Levavamos um destino: o club dos jornalistas da Haia, onde seríamos recebidos por Belo Infante, o mais violento dos polemistas neerlandeses, descendente de uma familia lusitana, amarfanhado por um aleijão horrivel, um aleijão que o torna liliputiano, que lhe paralisa as pernas miniaturais e braço esquerdo, e que anda, de redacção em redacção, ao colo dum criado, como se fosse uma criança... A meio do caminho, Peugeot, acertando as lunetas de aro dourado, chama a atenção para um angulo da rua:

—Vê?

—Eu... via... Via um palacete burguez, recortado no estilo da moderna arquitectura holandesa, que é uma sobreposição cubista á velha arquitectura; — mas não compreendi que curiosidade especial me podia merecer aquele edificio.

E Peugeot, explicou-me:

—E' o palacio destinado á nova princesa Juliana... (Ao falar da princesa, levou instintivamente a mão ao chapéu)... A nossa princesa completa dezoito anos, dentro de poucas semanas. No dia do seu decimo oitavo aniversario separa-se dos pais e vem instalar-se aqui...

Princesa Juliana? Recordava-me agora que era assim que se chamava a filha da rainha Guilhermina — a herdeira ao trono da Holanda... Dezoito anos, ia fazer? Como o tempo se passa! E uma pergunta saltou, rapida, para os meus labios...

—Quando se casa a princesa Juliana?

Peugeot fez uma careta; careta triste; careta desconsolada, e como que para esquivar-se a resposta, deu duas passadas de pernalta e foi juntar-se aos camaradas que se haviam adiantado. Dr. Marcus, o alemão da Volsch Zeitung, o tal, o do sorriso



A PRINCEZA JULIANA

tal como os pintores piedosamente a fantasiam

parisiense, exhibiu a brancura dos seus dentes immaculados, e segredou-me, agaiatado:

—Ha-de ser difficil arranjar noivo que a queira...

—?

—E' feíssimal! Eu cá, confesso, só por um grande sacrificio me casaria com ella... E isso sendo apenas jornalista! Calcule se fosse príncipe...

* * *

Pobre pricezinha feia...

Durante sete anos o povo e a corte

ansiaram, quasi com desespero... A esterilidade da rainha, pôz em perigo a dinastia; entristeceu esse gigante, que é o príncipe consorte, que se sentia ridiculo e mau pagador — visto que a unica missão, do seu casamento — era fazer florir, nos herços reais, um herdeiro ao trono. Quando se annunciou que ella, a tão desejada princesa, despontava, numa caixa doirada, do horizonte azul de onde vêm as meninos pequenos — houve delirio... Quando ella nasceu, queimaram-se mais de um milhão de florins, em fogos chineses e em festan-

ças e em Genebra Bols... Toda a Holanda era um clarão de mil côres... Toda a Holanda foi a sala de um baile — de um baile de mascaras, onde era obrigatorio vestir á holandesa... Troaram os canhões; orquestraram-se os clarins...

E logo a Natureza, a grande modista de rostos e de corpos, desprezou-a... não a achou digna de galas da formosura, dos encantos da Beleza... Fê-la feia...

* * *

Pobre princezinha triste...

São dezoito anos bojudos... As faces bochechudas, avermelhadas, rebrilham, como se as tivessem untado com manteiga — dessa doirada e gordurosa manteiga da Holanda... A cabeça é esferica, de onde surge um narizinho peneado, afilado — nariz complicativo e agravante. Os olhos são pequenos, e desaparecem nas orbidas estraguladas...

Todo o povo lamenta a fieldade da princesa Juliana... Sabem que ella é boa e meiga, virtuosa e intelligente... Mas não basta... As gentes gostam que seus filhos sejam bellos... Os povos gostam que as suas princessas sejam formosas e disputadas, no segredo das chancelarias, pelos príncipes casadoiros... E o povo holandês sabe que a sua princesa não teve ainda um príncipe que a pretendesse...

E vai já para os dezoito anos... Aos dezoito se casava a mãe... Aos dezoito se casou a avó... E aos quinze todos os outros príncipes e as poucas princessas que restam para casar, na Europa, já estão noivas, já têm par, para o cotillon amoroso-politico, que é a união matrimonial dos príncipes.

* * *

Onde se torna mais nitido o desgosto do povo holandês pela fieldade da sua princezinha, é na mentira dos artistas... Os artistas holandeses pintam-na, como se ella não fosse feia... Esforçam a fantasia, para que, retratando-a, a filtrem por uma estilização que a embeleza ou que, pelo menos, lhe poupe os detalhes mais gritantes...

Alguem me conta:

—Os artistas holandeses cercam-na com os seus quadros para que ella se veja nas telas, como em espelhos lisongeiros. Querem iludi-la; não querem que ella sofra a tristeza da sua fieldade...

Mas fraco calmante é esse, para a furia da realidade... Se os pintores a mascaravam — os fotografos reproduzem-na tal como é... As maquinas fotos novos leriam comovidos, de olhos alma não se pôde ter a piedade de uma mentira e de uma illusão. E como se não bastassem os retratos — lá estava a ausencia de pretendentes, o afastamento de todos os príncipes casadoiros para lhe afirmar a verdade, a triste verdade...

* * *

Pobre princezinha feia...

Que belo titulo para uma novela ingenua, para uma velha novela que os novos teriam comovidos, de olhos humidos... E bem empregadas seriam essas lagrimas — porque muitas de ve ter chorado Juliana, na jaula doirada do seu palacio — ao ver que todas as outras princessas se vão casando e ella, sem noivo, borralheira do trono, cada vez mais triste, cada vez mais feia, cada vez com mais vontade de ser bonita, para disfrutar tambem de curas dum amor de príncipe.

REINALDO FERREIRA

Tinta d'agua «CALCARIUM»
da reputada marca ingleza A. T. Morse & C.^a
magnificas decorações interiores, lavaveis e economicas
a 2\$93 o m. q. c/2 demãos
Preços e indicações nos unicos depositarios
BENARD GUEDES, LTD.
Rua do Crucifixo, 75, 3.º — Telef. C. 1447

CREME Zally
Pó de Arroz
 Faz as damas formosas
 A venda nos bons estabelecimentos
 Preços: Pó 6\$00, Creme 6\$00
 R. DAS PEDRAS NEGRAS, 36, 3.º — Telef. C. 1633

Chá das cinco

A morena que quiz ser branca

Como aquela morena a que se dirigia o poeta, também esta serra cordovesa tinha certa pena que, entre as demais serras, fosse ela a morena.

E, sem se lembrar que moreno era Cristo e que morenas são as cordovesas mais belas, entrou hoje de se enfarinhar para não ser menos que a branca irmã granadina, — a Serra Nevada.

Amanheceu, a vaidosa, dando-se pós de arroz e cobrindo-se de arminhos que se detinham nas superfícies, formando regio manlo que a lisongeava.

Os touros, seus cortejos, estranhados da metamorfose, buscavam, em vão, refugio para o branco daninho que os incomodava.

E os passaros, pagens gentis da serra soberana, escondiam a plumagem molhada sob as copas proletoresas das arvores, caídas em homenagem à vaidosa.

Aparelhámos o cavalo e, com galas invernaes, fomos ao beija-mão da serra insensata que nos recebeu com blocos glaciaes, fazendo resfolgar assustada a besta que os sofria e respirava.

Desenhando nas alvas tapeçarias as irreverentes ferraduras do cavalo, topámos com um velho vassalo da serra que declarou, tremulo, que ha bons vinte anos que a Morena não tinha tão nevado devaneio.

Mais adiante uma moçoila contempylava a loucura branca, inedita para os seus anos.

Mas, pouco a pouco, começou apontando no horisonte plumbeo uma rodela diáfana que se foi aclarando até deixar assomar o riso trocista do sol; e pronto deu em terra com o vaidoso deleite da serra que, para não ser morena, quiz imitar a nevada irmã granadina, a morena que quiz ser branca.

E do sonho desta manhã de inverno ficou; para a Serra Morena e para todas as morenas, a lição do efemero das ilusões terrestres, que não conseguem mudar a condição e a cor que Deus quiz dar ás pessoas e ás coisas, ao forma-las consoante a sua divina vontade.

Rogério Peres

CAMBIO OFICIAL

	Comprador	Vendedor
£ Londres.....	—	94\$75
£ Madrid.....	—	3\$00
£ Paris.....	—	\$78
£ Suíça.....	—	3\$79
£ Bruxelas.....	—	2\$74
£ Nova-York.....	—	19\$60
£ Amsterdam.....	—	7\$84
£ Itália.....	—	\$89
£ Brasil.....	—	2\$35
£ Praga.....	—	\$58,5
£ Suecia.....	—	\$24
£ Austria.....	—	2\$77
£ Berlim.....	—	4\$67
Libra esterlina.....	95\$50	97\$50

BOLSA

Preços efectuados a contado

Obrigações C 1/2 0/0 1923.....	600\$00
Externas 1.ª serie.....	677\$00
Ações do Banco de Portugal.....	—
do Banco Lisboa & Açores.....	490\$00
da Companhia de Seguros Sagres.....	—
da Companhia de Fosfatos.....	111\$00
da Companhia dos Tabacos.....	—
da Companhia do Gaz, 1922/23.....	217\$00
da Companhia do Alentejo.....	92\$50
da Companhia Colonial do Buzi.....	60\$00

RESTAURANT ROMA

Rua do Mundo, 100 a 104
 Tel. 520 T. — Aberto toda a noite

Gabinets confortáveis no primeiro andar

Grande «Revillon» nas noites de 24 e 31

No dia 25:

Jantares especiais

BRISTOL CLUB DANCING

Jantar concerto das 19 ás 22 h.

A Cidade

LISBOA ANTIGA

A casa

dos Bicos

e uma carta

de Alberto de Sousa

Na melhor das intenções, e com o mais louvavel dos esforços, a Comissão Administrativa da Camara Municipal pretende erguer pelo modelo unico existente, a famosa Casa dos Bicos.

Contra essa medida, sem negar o seu apoio á obra de interesse cidadão da Camara, se pronunciou ontem na sua Pagina de quinta-feira o nosso camarada Norberto de Araujo.

Em síntese, disse o redactor principal do *Diario de Lisboa*:

—Defendemos que se mantenha a Casa dos Bicos como está. Reconstruí-la, seria uma contrafacção grosseira. As ruínas não se reconstróem. Amparam-se. E se houvesse direito de gastar dinheiro com reconstruções, não seria a Casa dos Bicos a primeira indicada. Os restos da casa de Braz de Albuquerque, filho de Afonso de Albuquerque, devem antes ser mantidos, e o baixo edificio convertido num pequeno Museu da epoca.

Esta opinião, como é obvio, ainda que ajustada ao pensamento de muitas pessoas amantes e ciosas de Lisboa antiga — é pessoal.

Justamente ontem o illustre arqueologo e distinto jornalista, sr. Matos de Sequeira, aceitando os factos consumados, ou que como tal se apresentam, dizia no *Diario da Tarde*:

—A reconstrução de agora, que decerto não vai apagar a fachada existente, mas simplesmente consolidá-la, porque seria de veras complicada e trabalhosa erguê-la de novo, deverá seguir o aspecto dado pelo painel decorativo a que temos feito referencia, abrindo-se no terceiro pavimento quatro grupos de janelas, uma simples de caracter acentuado manuelino, outra triplice de dois mainéis, e as outras duas divididas por um mainel. No quarto

pavimento são duas as janelas simples, manuelinas, e duas duplas correspondentes ás do pavimento imediatamente inferior. Esta irregularidade constitue o pitoresco da construção.

Isto significa que Matos de Sequeira está de acôrdo com o projecto camarário, de erguer uma postiga verdade, sem oportunidade, com fundamento equivoco, e dando aos estrangeiros uma mistificação de historia de arquitectura antiga?

Não sabemos.

A este respeito, pelo interesse que o assunto está despertando, e pelo prestigio autentico do nome illustre e probo do Alberto Sousa, de escrupulosa cultura, arqueologo e estudioso, publicamos uma carta que este artista consagrado, amante da Lisboa antiga, nos enviou:

«Meu querido Norberto de Araujo: — Na tua cronica do *Diario de Lisboa* de hoje, referes-te á projectada reconstrução da Casa dos Bicos.

Tens-me inteiramente a teu lado. O que se anunciou sobre este assunto foi fantástico!

O quê? Restaurar? Que incompetencia! Como tu dizes, hoje não se restaura, conserva-se.

E lembrar-me que na Camara Municipal está um arqueologo, o sr. Quirino da Fonseca!

Quanto ao inventario das construções antigas de Lisboa foi, realmente, nomeada uma comissão de que este teu amigo faz parte, mas foste tu convocado alguma vez? Nem eu, meu caro Norberto.

Tudo palavras e mais palavras!

E Deus conserve a eas dos Bicos tal qual está com os bacalhau e tudo mais.

Abraça-te e felicita-te o teu muito amigo, Alberto Sousa.»

UMA ARTISTA ARGENTINA

CELIA GAMEZ

e a sua arte

Encontra-se em Lisboa uma artista argentina, que na sua terra e em Espanha, disfruta de uma categoria que, para honra do bom gosto português, deve ser por nós confirmada.

Célia Gamez, mulher belissima e intelligente que nos melhores theatros de Buenos Aires foi primeira figura aplaudidissima, chegou a Madrid com a sua companhia, quando os tangos, trazidos por Spaventa, entravam de canção pelo exagero e amanciramento dos seus cultores e imitadores.

Mas, pronto, se convenceram todos de que Célia cantava o verdadeiro tango «Milonga», sem precisismos nem caricatura, os autenticos tangos dos «rauchos», a canção nostalgica dos «granchos». E Célia, «y como nola», triunfou em Madrid e em toda a Espanha, «ché!»

A primeira impressão de Lisboa ante

a arte genuinamente argentina de Célia Gamez, foi de estranheza, como em Madrid. Aquelles tangos, limpidos e serenos, não correspondiam aos de importação, chorados e soluçados por todas as espanholas e portuguesas que cantam tristezas de terras por onde nunca passaram.

Ora esta impressão é tão errada, como a que podem receber os povos que conhecendo o nosso fado através das acupletistas, que o bailam e vestem de forma arbitrária, oçam pela primeira vez um autentico e classico cultor da canção nacional, cingindo-se ao rigoroso, sem falsear nem transigir.

E, por ser assim, prestamos homenagem á arte regional de Célia Gamez, a argentina dos tangos lindos, com horizontes da «chacienda» e perfumes do «malito» estremeado.

A.

Restaurant Bacalhau
 O melhor refiro da capital
 Aberto toda a noite
 HOJE — Revillon — HOJE
 Marca-se mesas. Primoroso serviço
 Esta casa, pela sua frequência, é a preferida
 pelas melhores famílias.
 GABINETES E SALAS RESERVADAS
 Aberto toda a noite

O «PINTO CALÇUDO»

NO

Variedades

ha amanhã

«matinée»

Está confirmado o exito da Companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho, de tão belas tradições entre o publico de Lisboa, na sua actual temporada no Variedades—o elegante teatrinho do Parque Mayer, agora assaz conhecido de toda a gente. Precisava-se do teatro retintamente de comedia e farça. O povo precisa rir, necessita desanuviar, fugir das tragedias e dos dramas pungentes para encontrar as melhores horas de alegria. De mais agora, nesta quadra de festas, de regosio e de prazer! E, no entanto, só o Variedades, entre as companhias do genero declamado possui, neste momento, em scena, a peça de gargalhada, de riso esfusante. E ainda bem que assim é, e ainda bem que os dois illustres artistas-empresarios vão amanhã dar-nos, além dos espectaculos noturnos, uma «matinée», com a hilariante peça «O Pinto Calçado». Ela será, como a do Dia de Natal, um alegrão para a gente meuda que os pais não deixam ir á noite ao teatro, uma tarde encantadora para a velhada que precisa distrair-se, uma ocasião ultramagnifica para as famílias de recato que se deitam cedo ou moram nos confins de Judas.

Mas—e aqui a nossa magua—«O Pinto Calçado» está a fazer as suas despedidas. Maria Matos e Mendonça de Carvalho, que festejam amanhã a sua 50.ª representação, vão tira-la do cartaz, porque têm um vasto repertorio a exhibir e porque querem escrupulosamente cumprir o seu programa. E, assim, na proxima quarta-feira, 5, no Variedades, subirá á scena outra peça nova—novinha em absoluto para Lisboa—«A Fruta Verde», cheinha de graça, repleta de espirito, urdida á volta das virtudes duma rapariga nova, em opposição ao desastre moral duma sua antiga amiga, com varios curiosos tipos de americanos exóticos, uma velhota pitoresca e um ambiente propicio para um exito invulgarissimo.

Maria Helena, actrizinha que tem o seu nome já feito, mórmente depois do seu triunfo na comedia «Era uma vez uma menina...»; Maria Matos, a illustre comedianta, a grande actriz novamente em foco, pelas suas criações de ruído e de efeito comico; Henrique Alves, que nesta peça fica em primeiro lugar, no desempenho do elemento masculino; José Gamboa, novo e audacioso; Maria Lagoa, esbelta e elegante; Paz Rodrigues, artista experimentada, de bela carreira; Berta de Albuquerque, Antonio Palma, Santos Melo, João Lopes e Joaquim Miranda, vão ser os interpretes da nova comedia, que, conforme o programa do Variedades, será representada em sessões.

:: PAPEIS PINTADOS ::

— NOVO STOCK PARA 1927 —

RESTAURADORES --19

Lembranças do Ano Bem

Ninguém compre sem visitar a casa
 «Arte e Menage», R. do Alecrim, 71, 1.º.
 Telef. C. 160.

BRISTOL CLUB DANCING

O MAIS ELEGANTE

HOJE NO NACIONAL

Hoje FREI LUIZ DE SOUSA Hoje

A PATRIA
SOCIÉDADE ALENTEJANA DE SEGUROS
Séde: EVORA
LISBOA: Rua do Alecrim, 20-A
Telefone 362 C
SEGUROS DE VIDA
e todos os outros ramos.

A Cidade

Teatro Maria Vitoria
Hoje
A revista
Sempre fixe!

UMA PEÇA DISCUTIDA

UM BALANÇO...

DA "Garçonnet," e da vida do seu autor

O anno de 1926 sob diversos aspectos nacionais

Victor Margueritte, que ha mais de 40 anos iniciou, com seu irmão Paulo Margueritte, a sua obra literaria, foi consagrado pelos principais criticos, entre os quais citaremos Julio Lemaitre, como um escritor de elevados principios morais: "O paladino da accção, do dever, das virtudes robustas e do patriotismo."

Seguindo sempre a mesma directriz, obedecendo aos mesmos preceitos rigidos de sã moral, foi produzindo os seus trabalhos, até que um belo dia notou, com surpresa, que em torno duma das suas obras se fazia um escandalo retumbante.

E' que durante os 40 anos da sua vida literaria a sociedade evolucionara de tal modo, resvalára tanto para o vicio e para a dissolução dos costumes, que a pintura realista do meio parisiense e dos seus tipos se afigurou uma immoralidade, melhor se diria uma realidade, que no entanto o autor, coerente com o seu passado literario e os seus principios, procurou estigmatizar com o ferro cadente do seu implacavel comentario. Foi assim que se produziu o escandalo da "Garçonnet". A França, vendo a descoberto, numa obra admiravel, uma das suas grandes mazelas sociais, investiu contra o escritor, barafustou, aplaudiu, exprobo e o resultado viu-se: em menos de um ano 400.000 exemplares despersaram-se por todo o mundo.

E' á semelhança do que sucedera com a "Madame Bovary", cujo autor fora julgado por um suposto atentado contra a moral e a religião, o autor da "Garçonnet" era expulso da Legião de Honra e irradiado de alguns cenáculos constituídos por veneraveis membros. Exactamente como sucedera a "Madame Bovary" que é hoje considerada a obra prima da literatura realista de todo o mundo, a "Garçonnet" conquistou já uma reputação universal e figurará de futuro no numero dos melhores livros classicos da produção contemporanea.

Depois do romance, vem a peça. O successo estrondoso obtido pelo livro, garantia o exito de obra de teatro. Margueritte que, alem de romancista admiravel é um extraordinario dramaturgo, concentrou nos três actos a accção violenta, interessante emotiva do livro, onde ha scenas duma prodigiosa beleza e duma originalidade que o impõem á nossa admiração como uma obra unica no genero.

O entreccho já é conhecido, pelo romance, duma grande parte do nosso publico mais culto.

A peça, ao longo de cujos admiraveis três actos, Margueritte nos mostra os mais característicos aspectos da moderna parisiense, constitue uma apologia da liberdade e da supremacia moral da mulher. É uma tese audaciosa, que pôde ser discutida e que vem derrubar alguns dos falsos preconceitos em que se fundamenta a sociedade franceza. E essa audacia só por si explica o escandaloso successo do romance, de que Paulo Margueritte — "o paladino da accção, do dever, das virtudes robustas e do patriotismo," — extraiu a peça que em breves dias subirá á scena no Teatro da Trindade.

Esfera Encarnada
Bandeirada 1\$60 -- Fracção 50¢

O ano de 1926...

Mas quem ha por aí que possa dizer que ele lhe foi feliz? Quem se pode gabar de lhe ter caído em graça?

E' certo que alguns felizardos foram contemplados com a sorte grande, no meio cento de loterias.

Mas quantas dezenas de milhar não tiveram durante todos os doze meses, o seu jogo branco?

Sob o ponto de vista nacional, 1926 não trouxe calamidades. Não foi um ano turbulento. Claro que não se dispensou de uma revolução, porque isso é na historia moderna obrigação — mas não deu saudades. Deu... surpresas.

Portugal não saiu da cêpa torta. A sua vida não é mais desafogada. Não sabemos de classe que possa gabar-se de ter tido um ano prospero.

Um resumo nacional — impunha-se. Mas isso não cabe nos estreitos limites de uma croniqueta. Pelo menos hoje. Avivemos a memoria dos leitores, e lancemos a excomunhão sobre os acontecimentos sombrios que — com raras clareiras — foram mais do que suficientes para encher de desalento as pessoas mais confiantes.

Politicamente... Crise presidencial do sr. Teixeira Gomes, governo Domingos Pereira e Antonio Maria da Silva. Eleição do sr. dr. Bernardino Machado. O escandalo do Angola e Metropole, que vinha de 1925, tomou vulto. Conflito dos tabacos. Crise do partido democratico... E logo: revolução de 28 de maio. Gomes da Costa, golpe contra Cabeçadas, golpe contra Gomes da Costa. Pronunciamentos e começo da ditadura — de feitiço branco. Ostracismo dos partidos, o Exercito entrou na politica.

No prazo de 365 dias não seria possivel maior numero de mutações á vista. O ano politico foi para muitos uma esperança, para muitos tambem um desespero.

O ano literario foi pouco forte. Acabou orgulhosamente com o livro de Aquilino, tendo assinalado comtudo um grande movimento, embora caracterizado por mediocridades. As obras boas foram:

talvez uma meia duzia. As aceitaveis uma vintena. O mau — não tem conta.

O ano artistico não foi brilhante. Exposições isoladas que não trouxeram revelações. Ausencia de obras primas, com uma ou outra excepção. O Salão de Outono, sufficiente. A exposição da Sociedade, sufficiente. De notavel, a inauguração dos seis "panneaux", de Columbano. Pouco dinheiro a girar. Pouco estímulo. Será pessimismo nosso?

O ano comercial — diz o comercio — foi pessimo. Não admira. Falta de confiança, apatia de capitais, poucos descontos, desequilibrio na balança comercial — como sempre. Os negocios grandes desapareceram á vista, pelo menos. Cambio igual a 1925. Esperanças, poucas. As festas deram ao comercio animo, mas o movimento foi — segundo um tecnico — inferior em 35 por cento a 1925. Quem tem dinheiro... guarda-o.

No teatro — O ano foi mais promettedor. 1926 deu-lhe uma alma nova. Constatou-se o regresso do publico aos teatros, a multiplicação das companhias, a abertura do Nacional, e um gosto vivo, sincero, quasi ansioso de artistas, autores e espectadores pelo original português.

De principio, a epoca má — mesmo dura. A crise do desemprego grande. A desilusão — maior ainda. Depois, chegado outubro, surgiram as iniciativas; vieram algumas companhias estrangeiras — raras, e pensou-se na vinda de outras — poucas. A critica contribuiu muito pela sua benevolencia, simpatia e pela sua transigencia, que não quere dizer injustiça, para a manutenção do teatro português.

Acentuou-se este ano a tendencia pelos espectaculos ligeiros — alta comedia, baixa comedia e farça. Algumas dificuldades, mas não tantas, que impedissem qualquer teatro de funcionar. Ha um mês que funcionam todos, com altos e baixos — o que dá uma linha media, senão brilhante, pelo menos aproveitavel.

O Ano laureomáquico português, se não foi mais brilhante que os anteriores,

(Ver continuação na 8.ª pagina)

Monumental Club

(Palacio de S. Luiz)

HOJE: ORQUESTRA DE TANGOS — VARIEDADES
RÉVEILLON

Sarolea
Motos ligeiras de 3,5 e 5 HP

MODELOS TOURISTE
E SUPER SPORT
EM EXPOSIÇÃO NO
STAND DOS REPRESENTANTES
W. CASAS & Ca., LIMITADA
R. da Palma, 185 a 189 — Lisboa
TELEFONE N. 1557

Os joalheiros **MIRANDA & FILHOS**

APRESENTAM
NOVIDADES — BIBELOTS — FANTASIAS
E AS SUAS ÚLTIMAS CRIAÇÕES
PARA O NATAL E ANO BOM

PORTO

LISBOA

Pelos teatros

Vera Sergine

Tanto a companhia da actriz Vera Sergine e Henri Rolan, o primeiro galã da França como a da actriz Ludmilla Pitoeff que em breve veremos no Teatro S. Luis, representam em todos os espectaculos peças diferentes e completamente novas para Lisboa. Vera Sergine dá sete recitas na segunda quinzena de Janeiro com peças escolhidas entre as seguintes: «La Tentation», de Charles Méré; «Dans sa candeur naïve», de Jacques Deval; «La Sonate à Kreutzer», de Nozière e Saviar; «Le Greuchon délicat», de Jacques Natanson; «La Revue», de Kistemaeskers; «La Pelérine écossaise», de Sacha-Guitry; «La Nuit est nous», de Kistemaeskers; «Le Couple», de Denys Amiel; «La Passante», de Kistemaeskers; «La Riposte» de Nozière.

«Os galunos»

Continua recebendo do publico os mais entusiasticos aplausos a curiosa peça policial «Os galunos», que ha dias subiu á scena no Teatro Politeama. De acto para acto aumenta o interesse pelo imprevisito do entreccho e pela notavel interpretação que lhe dá a companhia Ilda Stichini-Alexandre de Azevedo. Estes dois artistas-empresarios e Raul de Carvalho, desempenham os principais papeis.

O Politeama é um dos poucos teatros que tem «chauffage», não sentindo o publico o frio que estas noites tem feito.

«Frei Luis de Sousa»

O espectáculo de hoje, amanhã e depois, no Teatro Nacional, com a peça de Garrett, «Frei Luis de Sousa», verdadeira joia do teatro português, é o melhor brinde de Ano Novo que Alves da Cunha, que actualmente dirige os destinos daquela casa de espectaculos, podia oferecer ao nosso publico sentimental e bondoso, que entenece e entusiasma com as scenas de ternura e de emoção. No «Frei Luis de Sousa» Alves da Cunha e Berta de Bivar tem dois notabilissimos trabalhos artisticos.

«Caso do Dia»

Continua marcando um vivissimo successo, e está em pleno prestigio do publico, a intensa e palpitante peça de actualidade — «Caso do Dia», obra maravilhosa de vida real e de peregrino romantismo, que ficará, sem duvida, um dos melhores originaes de Ramada Curto, ao qual será dedicada a recita da proxima sexta feira. Amelia Rey Colaço criou, com soberba beleza, uma figura de espanhola que é, no dizer da critica, um dos melhores papeis da sua carreira.

Atrás do reposteiro

Está em ensaios no Teatro de S. Luiz a opereta «Passionement» que ali deve subir á scena nos fins de janeiro.

Amanhã e depois representa-se no Teatro da Trindade a peça «Uma mulher sem importancia», efectuando-se as duas ultimas exhibições da cancionista Celia Gamez, que hoje faz um novo repertorio em «Fim de Fiesta».

Confirma-se a montagem da opereta «Bairro Alto», de Avelino de Sousa, no Teatro Maria Vitoria, depois da revista «Sempre Fixe», ainda ali em scena.

Espectaculos de amanhã e depois nos teatros de Lisboa: Nacional, «Frei Luis de Sousa»; S. Luiz, «O Principe Orloff»; Trindade, «Uma mulher sem importancia» e Celia Gamez; Ginásio, «O Caso do Dia»; Avenida, «O Pé de Sal»; Apolo, «Mourarias»; Politeama, «Galunos»; Eden Teatro, «O cabaz de morangos»; Variedades, com «matinée» amanhã, «O Pinto Calçado»; Maria Vitoria, «Sempre Fixe» e Foz. Companhia Sascha Morgowa.

A Companhia Ester Leão-Gil Ferreira continua brilhantemente a sua «tournee» pela provincia, tendo já organizado todo o itinerario para o mês de janeiro proximo.

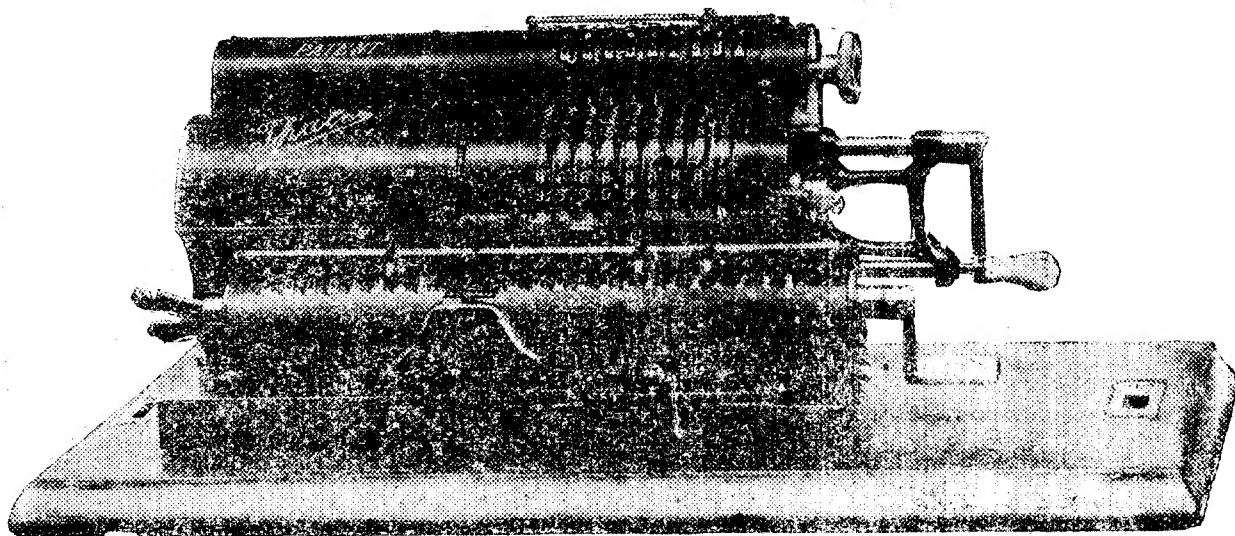
Para continuação da sua temporada no Teatro Apolo o actor-empresario Almeida Cruz tem já três novas operetas populares e uma revista, em que colaborarão duas parçarias de escriptores.

No Coliseu dos Recreios realiza-se amanhã a «matinée» do Ano Bom. A companhia de circo despede-se de Lisboa no dia seguinte.

Em S. Carlos canta-se hoje pela primeira vez em Portugal a famosa opera de D'Annunzio e Vizzetti «Fedra», na qual se estreia a celebre cantora Giulia Tess, para a qual aquele compositor tem escrito todas as suas operas.

Thales

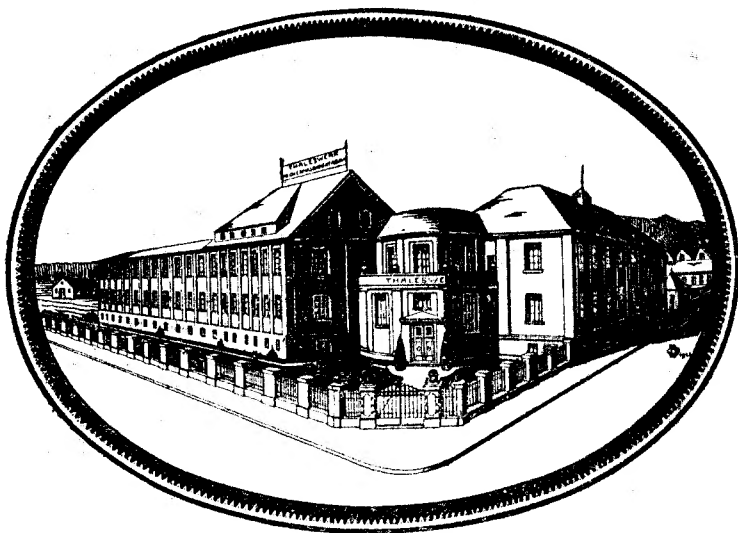
**A mais perfeita
maquina uni-
versal de cal-
cular**



Precisão, rapidez e economia

80 0/0 de economia
de tempo

Instalações da:



THALESWERK, G. M. B. H.
(Fabricantes exclusivos da maquina de calcular)

AGENTES GERAIS E DEPOSITARIOS:

DIAS DE CARVALHO, LIMITADA

C. 2917

Comercio Geral

RUA DO ARSENAL, 148, 2.º

LISBOA

“TORPEDO”

**A tinta que ins-
pira confiança**



A pintura eterna



**Usada pelo Al-
mirantado In-
glês e outros
Governos**



FABRICANTES :

**THE BRITISH
ANTI-FOULING
—
Composition
& Paint Co. Ltd.
London**



VERSOS

SONATA DO crepusculo

por Afonso de Castro

De-profundis tristissimo do dia,
Extrema-união da tarde moribunda,
Misereres de luz na ultima agonia
Que o vento anda a resar na solidão profunda.

Alma da luz desfalecida e triste
Que pela tarde mistica me embala
E saudade d'alguem que não existe
E de outro mundo me visita e fala.

Na attitude d'Além, dramatica dos montes
— Misantropos seismando em celas de granito.
São oceanos de nevoa os largos horizontes
A abismar-se nas landes do infinito.

E todo me disperso e me confundo
Na melindrosa palidez do céu.
Alma crucificada em outro mundo
Que para além da vida amanheceu.

A Palidez com mãos quimericas de lirio,
Imponderavel, fluida, errando pelos ermos,
Nos funeraes do sol acende estranho cirio
— A lua, a encher de magua os corações enfermos.

Sinto a voluptade de falar-me sós.
As minhas mãos ás tuas muito juntas,
A recordarmos ilusões defuntas...
E feita de saudade a tua voz.

Era ontano. Ao cair das folhas amarelas,
Fizemos renascer a miragem de outrora
E o meu sonho subiu mais alto que as estrelas
Erguendo azas de luz, ao despontar da aurora.

Era uma annunciação de primavera nova
Entre clarões rasgando as sombras do meu peito.
Como um canto de amor ouvido alem da cova
A desluzir d'Azul meu coração desfeito!

E tu, singela e franca e sem aquela pose
Que o teu orgulho punha em teu airoso vulto.
Notaste em meu olhar a palida nevrose
Que meu ser invadiu de histérico tumulto.

Tinha sede de luz e fome de ideal
E nostalgias de infinito vago
E fui-me saciar na fonte virginal
Duns olhos onde os meus de balsamos alago.

Nesse olhar, onde ha um cen de magico esplendor
E no doirado sol dos rutilos cabelos
Da alva moça gentil de seios belos,
Brancos, como ao luar, um jasmimcero em flor.

Dentro de mim senti raiar uma outra vida.
Das cinzas do Passado renascer...
Acorda, olha a alegria, ó alma adormecida.
E canta, á luz do Sol, a gloria de viver.

Escuracia. A noite era janela imensa
Aberta para as naveas do Misterio.
— Arquipelago d'astros todo o céu —
E sobre nós floria, imortal e suspensa,
A harmonia celeste, alvor siderio
Que da amplidão, por fim, num cantico, desceu.

Afonso de Castro

BRISTOL CLUB DANCING

O MAIS ELEGANTE

Dr. Armando Narciso

Regressou de Paris e retomou a clinica. — T. Nova de S. Domingos, 9. (A Rua do Amparo.)

POLICLINICA DO RATO

PRAÇA DO BRASIL, 45, 1.º, TELEF. N. 1200

Dr. Antonio Monteiro — 11 horas — Clinica geral, senhoras, crianças e partos.

Dr. Julio Gonçalves — 13 horas — Bôca e dentes.

Dr. Lourenço Ramundo — 13 e meia — Rins e vias urinarias.

Dr. Antonio Fernandes — 15 e meia — Medicina geral e doenças nervosas.

Dr. João Saraiva — 15 e meia — Doenças dos olhos.

Dr. Tavares do Couto — 15 e meia — Garganta, ouvidos e nariz.

Dr. João de Moraes Sarmiento — 16 horas — Ginecologia e operações.

Dr. Rival Saavedra — 17 horas — Pulmões, pele e sífilis.

Dr. José Crespo — 17 e meia — Clinica me lica, estomago, intestinos e figado.

Dr. Aleu Saldanha Cruz — Raios X. Análises clinicas, electroterapia, maçagem e ginastica medica

Palmyra Callixto

MASSAGEM medica e estetica, banhos de luz raios violeta, vaporizações. Das 2 ás 6. Calçada do Sacramento, 7, 2.º. Telefone 4359 C.

CRONICA LITERARIA

COMO

DESCREVE

AS JOIAS

a poetisa Oliva Guerra

Joias, joias, fascinação eterna das mulheres, calvario de sedução onde andam perpetuamente crucificadas pecadoras ambições, poeira de astros dum imaginario céu, a que tantas almas se sujeitam, como escravas submissas tão diabolico poder de uma autoridade estranha...

Joias, almas apagadas onde crepitam quasi arrefecidos, reflexos vagos de apagadas vidas... Seentelhas de luz aprisionadas num grão de areia embriagado do poder contido á sua pequenez...

O que elas foram, o que elas são ainda, essas pequeninas lagrimas de luz, cristallização humilde — quanta vez — de tantas lagrimas humanas choradas na penumbra de lendarios sacrificios, de tragedias e de crimes!

Joias, joias, o que elas dizem na tosorescencia erua das fulgurações do seu olhar telino!

São diamantes vibrando no fundo do seio, vero do engaste como lategos de luz, como raios dum sol abrazador, que um destino mau houvesse gelado um dia sem lhe robar o brilho tentador, e que serviram a eingar, em diademas opulentos, fronte de rainhas, abatidas pela morte ou pela desgraça; são perol's redondinhos e anónimas que contam, na sua palidez de freiras estioladas, renúncias aséticas de quimericos elustros, que virgens desitilidás desfiaram como rosários á luz triz de becos lares, são rubis e plendorosos, gestos sangrentos de triumpho, em que almas de heróis e aventureiros ficaram a viver petrificadas na transparência vernelha da sua fulguração gloriosa, são ametistas maguadas como vozes perdidas de saudade, abafadas no calice avulvedado de violetas roxas—olhos pisados de elegias martirios; são esmeraldas verdes como esperanças mortas de algum amor naufragado no mar convulso da desilusão, e sirtas geladas e misteriosas que teriam de pedacinhos quimericos de céu o brilho fro e assassino de punhais venezianos, loiros topázios, claridades mortas de apagados soes, que esmaltaram de scintillações calmag as mitras dos Bispos, e as dalmaticas dos Doges...

Todas, todas essas gemas prodigiosas, fragmentos ferreiros dum grande, como las Mil e Uma Noites, que nos entontecem a vista com as suas fulgurações fantásticas, são outros tantos olhos a espreitar a vida, a recordá-la, illuminá-la, olhos onde arde solitariamente a saudade fria dos grandes sonhos mortos...

Tantos desejos, tantas ambições, tantos febris delirios de grandezas cantaram a estrofe eterna da ansiedade a volta desses brilhos perdidos que a mão orgulhosa do homem arrou do sertilejo ocadio de uma tentação perpetua!... E nunca a mulher viu nelas um veneno do pecado, uma profecia de lagrimas, um instrumento de perdição...

Elas vieram até nós, essa pedras fascinantes que hoje a atogan na riqueza caruosa do veludo do esmerino, la dos confins do Oriente, a dizer, na sua linguagem de teitico, toda a saudade longa de palmaces distantes, o sonho obscuro do fundo dos mares, o drama obscuro das entranhas da terra a que foram arrancadas.

Elas vieram, em braceletes e em gargantilhas, em diademas e em aneis, em brincos e em cadeias, embelezando a mulher de todos os tempos, endoidando-lho a fantasia num crepitar de maravilha, desde os adornos hieraticos, quasi funebres, das egipcias até ás magnificencias resplandecentes das patricias romanas, desde as manilhas e os sequins das odaliscas arabes, até ás tremulinas e os chapins bordados das virgens goticas da Idade Media e desde as sumptuosidades estonteantes da Renascença até á nevrose faulhante das ventilações das joias de hoje, deslumbrando, arrastando, dominando, como deusas perversas e poderosas, as almas das mulheres de todas as condições.

Elas floriram do seu brilho frio a beleza líria de Julietta e de Francesca, perdidas por amor, viveram eternidades de martirio sobre o colo esbelto de Isolda no momento patetico da morte á beira do cadaver de Tristão; sentiram o palpitir arfante da carne pura de Maria Stuart e de Carlota Corday, molhada a lá inquebrantável dos seus principios; illuminaram de um clarão fatal a túnica branca de Beatriz de Portinari e o manto principesco da Duquesa de Ferrara quando Dante e Torquato Tasso delas fizeram suas musas tutelares; tocaram do seu halo fulgurante a fronte mistica de Isabel de Portugal, no momento em que no seu regaço floriram as rosas do milagre, engram em crepitações frivolas de vaidade a cabeça altiva de Maria Antonieta, tombada um dia aos beijos da guilhotina, numa rajada de crime e de injusticia...

Fôramo molagre de amor regadas pelas lagrimas de Margarida Gauthier, tôram filtro de pecado unidas aos corpos ritmicos de Salome e Mata-Hari...

Amor que a dá e beijo que se vendem, sorrisos que envenenam e lagrimas que redimem, ternuras que acarinham e perfidias que apunhalam, grandezas que deslumbram e misérias que se escondem, ambições que entontecem e renúncias que se apagam, tudo á sua volta vieram as joias que através os tempos têm a passado em realidades de sedução ou em sonhos de coquetteria, pela esteira tranquila ou acideptada de todas as vidas femininas... E todas as mulheres, escravas ou rainhas, santas ou pecadoras, grandes damas da Historia ou costareirinhas sem hi toria, têm sentido o encanto perverso da sua resplandecencia perigosa...

Joias, reverberos misteriosos de chamas demoniacas, fogos-fatuos da cabeca que mais dela fugis quanto mais ela vos busca, vós sabereis ser, também, tali-maus de ventura, consolos de tristeza, milagres de redempção, toda a vez que, convertidas em pão de Caridade, a mão dos ricos vos leve ao lar dos pobres, e o sonho dos artistas vos tran forme em flores de triumpho para as suas eriações, e as sociedades vos deem como penhor da grandeza dos seus ideais.

Joias, braceletes de almas, condelações de sonhos, sede tenditas na vo sa feleza do vosso poder. Mas que Deus vo leve sempre á mão da Caridade, dos artistas e do bons...

OLIVA GUERRA

OURIVESARIA SPORT

Com as proximas festas do Natal e Ano Bom, este estabelecimento apresenta aos seus amigos uma grande novidade de joalharia, ourivesaria e relojoaria para esta época de brindes. Ha coisas lindissimas, de bom gosto, confectionadas propositamente para a Exposição permanente — Rua da Conceição, 115.

POLAINAS FRANCESAS

JÁ CHEGOU A PRIMEIRA REMESSA DE POLAINAS DE TECIDOS DE Lã PARA HOMEM E CRIANÇA E CALÇADO PARA AQUECER OS PÉS, EM Lã DE CAMELO, E FELTRO PARA HOMEM, SENHORA E CRIANÇA.

SAPATARIA CHIADO -- 96, RUA GARRETT, 98

VERSOS

NEGROS OLHOS são os teus...

por Santelmo Marques

As pupilas sonhadoras
Desses teus olhos inquietos
São dois diamantes pretos,
São duas negras auroras.

Brilham mais, com mais fulgôr,
Do que as estrelas dos ceus;
Teus olhos são todo o Amor,
São toda a graça de Deus.

O teu olhar é tão doce,
Minha doce Bem-Amada,
Tal e qual como se fosse
A propria luz da Alvorada!

O teu olhar é mais terno,
O' minha rôla fagueira,
Do que o solzinho d'Inverno
P'os que não tem lareira.

O teu olhar, —doce encanto
Que me encanta e me seduz,—
E' o luar do campo santo,
Batendo na minha cruz.

E' como, se lá no mar
Andam naufragos sem guia,
A luz que a Viagem Maria
Acende para os guiar.

Quando a mim descem teus olhos
Com seu luar peregrino,
São violetas, aos molhos,
Caindo no meu destino.

São rosas que se desfolham
Ante os meus passos incertos;
Teus olhos, quando nos olham,
São como dois ceus abertos.

Tocam clarins á Alvorada
Na minha noite sombria,
Quando os teus olhos, Amada,
Me trazem a luz do dia.

E fuge todo o meu mal
Do coração prazenteiro;
Voltam ao velho pombal
Pombas d'arrulho fagueiro,
E ha ninhos no meu beiral
E ha rosas no meu canteiro...

Santelmo Marques.

POLICLINICA DO CONDE BARÃO

Largo do Conde Barão, 12, 2.º

Telef. Central 1902

Doenças dos olhos — A's 5 horas — Dr. Me deiros de Almeida.

Doenças dos rins e vias urinarias — A's 11,5 horas — Dr. Bastos Lopes.

Doenças dos ouvidos, nariz e garganta — A's 2 horas — Dr. Manuel Pinto.

Cirurgia geral — Operações — A's 2 1/2 horas — Dr. Santos Paiva.

Clinica geral — A's 3 horas — Dr. Fernando Cabral.

Doenças das senhoras — A's 6 horas — Dr. Manuel de Almeida e Vasconcelos.

Análises clinicas — Dr. Anibal de Magalhães.

Doenças da pele, venereas e sífilis — A's 1 hora — Dr. Oliveira Zaque.

Doenças da boca e dentes — A's 5 horas — Brum da Silveira.

Clinica medica — Doenças do coração e pulmões — Doenças nervosas, electroterapia — A's 1 hora — Dr. Luiz Pacheco.

Doenças das crianças e orthopedia — A's 1 hora — Dr. Antonio de Menezes.

Doenças do estomago e intestinos — A's 2 horas — Dr. Casção de Avelãs.

Raios X e Raios Ultravioletas.

Dr.ª Branca Moreira de Seabra

DOENÇAS das senhoras

A's 2, 4, 6 e sextas feiras das 3 ás 6

Calçada do Sacramento, 7, 2.º. Telef. C 4359.

DR. MIGUEL DE MAGALHÃES

Hospital da clinica de Becker — Paris

RINS e vias urinarias, Venereologia, etc. T. N. de S. Domingos, 9, 1.º, ás 15 horas. TELEFONE 5205-N.

Gillette

SAFETY  RAZOR

Milhões de máquinas GILLETTE barbeiam diariamente meio mundo. Com uma GILLETTE razura-se num momento a barba mais dura, ficando o rosto macio como um veludo. Não precisa de se assentar. Não precisa de se afiar. Dura uma vida inteira. Optima para brindes de NATAL. Magnifica para brindes de ANO BOM.

GILLETTE SAFETY RAZOR COY., BOSTON, AMERICA

Agentes gerais em Portugal e Colonias: **JOÃO MACHADO DA CONCEIÇÃO & C.^A, LTD.^A**
75, Rua da Conceição, 1.^o — Lisboa — PORTUGAL

A Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs

Deseja a todos os seus clientes um Ano Novo cheio de prosperidades e espera continuar recebendo as suas ordens pelos telefones Norte 5521 e 5528.

Rendez-Vous du Parc

Domingos A. da Silva

ESTORIL

Telefone 130 E.

Deseja aos seus Ex.^{mos} fregueses boas festas e um ano prospero

A COMERCIAL

Dinheiro sobre penhores — Transacções bancarias e comerciais

Antiquidades, Ourivesaria e Joalheria

Cumprimentam os seus Ex.^{mos} fregueses e amigos.

Travessa da Trindade, 22

LISBOA

João Condeixa

TABACOS E LOTERIAS

Cumprimenta os seus Ex.^{mos} fregueses desejando-lhes um ano feliz

R. Arco Bandeira, 211

ANTIGA DROGARIA MEDICINAL E PERFUMARIA DE

Vicente Pimentel & Quintans

194, RUA DA PRATA, 196 — Tel. N. 3201

Desejam boas festas aos seus Ex.^{mos} Clientes e um Ano Novo muito prospero

DESCALÇO, LTD.^A

GRANDES ARMAZENS DA BEIRA

Desejam boas festas aos seus Ex.^{mos} Clientes e um ano novo muito prospero

R. DOS RETROZEIROS, 20-26 Tel. C. 4075 R. DOS FANQUEIROS, 73-75

Santos Brito Lt.^{da}

Desejam muito boas festas aos seus Ex.^{mos} clientes e um ano muito prospero.

ARCO BANDEIRA, 5, 3.^o

Telephone C. 2964

Café-Restaurant Suisso

Almoços e jantares de mesa redonda

Convidamos V. Ex.^a a fazer uma visita a este café, que reabriu a cargo de **CONSTANTE VARGAS**

Para o Natal e Ano Bom, serviço especial de ceias, toda a noite

MAXIMO ASSEIO — PREÇOS MODICOS

**Os proprietarios
DOS**

Armazens Olaio

Desejam à sua numerosa clientela muito boas festas e um Ano Novo cheio de prosperidades.

R. da Atalaia, 36 a 40

LISBOA

Os proprietarios da

Casa Africana

Desejam aos seus Ex.^{mos} fregueses e amigos festas felizes e um ano cheio de prosperidades.

Rua Augusta, 161

Viuva Contreras & Filho Importadores de tabacos

5, Rua 1.^o de Dezembro, 7

Desejam um Natal muito feliz e um novo ano cheio de prosperidades aos seus Ex.^{mos} fregueses

Antonio N. Coelho Serra

R. dos Caminhos de Ferro, 86

Deseja umas festas muito felizes e um ano muito prospero aos seus Ex.^{mos} clientes e amigos.

GRANDE ROMARIA!

Feita pelo Ex.^{mo} publico que, reconhecendo a superioridade do calçado **PORTUGAL**, corre em massa á **RUA DA PALMA, 128.** para aproveitar o **BRINDE DO NATAL** que **"A PORTUGAL"** oferece apenas durante 15 dias, vendendo:

Botas para homem,
em calf 1.^o, garan-
tido e verniz. 60\$50
Sapatos para senho-
ra, em calf 1.^o, ga-
rantido e verniz. ... 60\$00
Calçado para crian-
ça, em calf, 1.^o ga-
rantido e verniz. ... 25\$00

**E' a alegria dos lares!
BRINDES AS CRIANÇAS
A' romaria, pois
Rua da Palma, 128**

LITERATURA INFANTIL

“Mosquitos por cordas,,

é o titulo do novo livro

de Emilia Sousa Costa

do qual se transcreve

o capitulo “O Mealheiro de Belzebut,,

A sr.^a D. Emilia de Sousa Costa é um nome consagrado da literatura feminina em Portugal.

A sua obra é vasta. O seu temperamento delicadissimo, é a um tempo forte.

O seu ultimo livro—«Mosquitos por Cordas»—pertence ao genero de literatura infantil, no qual a illustre autora ocupa um justo lugar de relevo.

Livro cheio de encanto infantil, tão capaz de deleitar os espiritos tamaninos, como de entreter as inteligencias crescidas, que tambem gostam de fingir de creanças, ele impõe-se no seu genero como do melhor que se tem publicado em lingua portuguesa. E' valorizado por lindas illustrações de Alfredo de Moraes, que desenhou a capa.

«Mosquitos por Cordas» tem capitulos de rara sugestão, e, de entre eles, escolhemos o que se intitula «O Mealheiro de Belzebut» para darmos uma impressão do merecimento e utilidade da obra.

Cumprimentamos a distintissima escritora pela sua nova e famosa produção.

Mal chegára, porém, á sua terra, era avisado de que estava metido num processo e recebia a contra-fé, para se apresentar no tribunal.

O pobre homem lastimava a sua má sorte e pedia o auxilio das benditas almas, para o livrarem do mau passo em que a estalajadeira o metiera.

No processo, ela exigia por perdas e danos, não só o dinheiro dos ovos e o do azeite em que foram estrelados, como o dos pintainhos, frangos, galinhas e galos que deles podiam ter produzido, se fossem chocados e sucessivamente se multiplicassem. Tudo somado fazia uma continha calada!

Na terra de José Silvestre só havia um advogado e esse havia tomado a seu cargo a acusação, de forma que o homem, apouquentadissimo, meteu-se a caminho, a ver se na cidade proxima encontrava advogado habil, para o livrar daqueles embaraços.

Meditativo ia seguindo ao chouto moderado e ponderado do seu cavalico—

que, quando um cavaleiro bem apessoado, montado num ginete fogoso se aproximou dele, o saudou e lhe disse:

«O senhor José Silvestre parece que vai mal disposto. Desafogue comigo. Talvez eu possa aliviá-lo, se tem desgosto sério».

O negociante desabafou: «Que sim. Ia muito succumbido procurar um advogado de fama, temendo não encontrar quem o defendesse numa causa complicada». E narrou-lhe minuciosamente o seu caso.

«Isso é uma grande pouca vergonha! — exclamou o cavaleiro, vibrante de indignação. — Eu sou advogado celebre e eminente — chamo-me o Doutor Belzebut, com escritorio permanente no reino do Averno e com licença de advogar em todo o mundo. Irei eu defendê-lo. Estarei no tribunal no dia e hora marcados. Só preciso que o senhor José Silvestre consiga que o juiz espere uns minutos por mim, se eu tardar. Torno para

sua casa. Não fale a ninguém no nosso encontro e até breve!»

Proferidas estas palavras, deu do esporas ao cavallo e desapareceu numa nuvem de pó.

Regressara José Silvestre a casa, a pensar na fealdade do apelido do doutor, e ao espanto da mulher por um tão rapida volta, respondeu:

«Resolvi não ir procurar advogado nenhum. O que fôr, soará».

Dias volvidos, compareceu o homem no tribunal, tomou assento no banco dos réus e o juiz abriu a audiência.

O advogado do réu não apparecia e este negava-se a responder á culpa, declinando o dever de responder no seu defensor.

Já o juiz ia nomear advogado officioso, quando o advogado do réu, vestindo uma toga negra que o envolvia até aos pés, os olhos brilhantes como carbunculos, deu entrada na sala e se dirigiu para o seu lugar.

O juiz ligeiramente o advertiu de que a sua demora representava uma falta de atenção com o tribunal.

O advogado, agitando a sua toga negra e fitando no juiz os seus olhos esbraseados, declarou solene:

«Senhor juiz, estive á espera que nascessem umas libras em ouro que ha cinco anos semeiei».

«Essa é extraordinaria! O senhor advogado permite-se um gracejo, do gosto muito censuravel, com a majestade do tribunal. Semeiar libras!»

«Senhor juiz. Não ha absurdos possiveis para este tribunal, desde que se admita a possibilidade de dois ovos estrelados poderem reproduzir-se em pintainhos, frangos, galos e galinhas. O meu constituinte, como provará com o testemunho da criada aqui presente e do hospede que pagou e rejeitou os ditos ovos por ele comidos, nenhuns ovos mandara preparar. Ele pagou á estalajadeira a conta que esta lhe apresentou. Contudo, incomodaram-no e obrigaram-no a despesas e á perda do seu tempo para vir aqui, por causa das trapalhices duma estalajadeira».

O juiz não teve outro remedio senão absolver o José Silvestre, concordando com os argumentos do sagaz advogado.

Ao retirar-se do tribunal, o negociante dirigiu-se ao seu defensor:

«Senhor doutor, muito agradecido a vossa senhoria pela sua defeza. Agora queira dizer quanto lhe devo».

«Já estou pago, meu caro amigo — respondem-lhe este. Eu sou o diabo a quem vocemecê dá cinco réis todas as vezes que passa junto das alminhas da azinhaga. A elas costuma o senhor José Silvestre dar um pataco. Apesar disso, vejo como elas o deixavam condenar injustamente, se eu lhe não acudo. Veja bem a diferença entre o meu procedimento e o delas... Agora, adeusinho!»

Deixando atrás de si um sintomatico cheiro de enxofre e alcatrão, o perfume dilecto do doutor Belzebut, sumiu-se, para nunca mais ser visto naquelas redondezas.

Dali para o futuro, o José Silvestre passou a deitar um pataco na caixa do diabo e cinco réis na das alminhas, amuado com elas, por lhe não terem valido nas horas de infortunio.

E resmungava sempre por entredentes, ao enfiar a pequena moeda pela abertura do mealheiro:

«Vá lá... vá lá... nem tanto merecis, minhas perliquitetes!»

EMILIA DE SOUSA COSTA

Era uma vez um negociante de cereais que percorria o país de lés a lés, para tratar do seu trafico.

Nesse tempo não havia ainda caminhos de ferro e todo o transito se fazia pelas estradas reais ou distritais e por velhos caminhos infestados de saltadores. De maneira que, os negociantes e almocreves se encomendavam sempre aos santos da sua devoção, ao empreenderem qualquer jornada ou viagem.

Ora, costumava o tal negociante, José Silvestre, era esta a sua graça, atravessar umas azinhagas perigosas, já tristemente assinaladas pelos crimes de morte ali cometidos e testemunhados por algumas cruces negras e por um retábulo com uma tósca pintura, dos que o povo costuma chamar alminhas. Ao lado deste, pendiam duas caixas para esmolas, uma á direita, outra á esquerda, com estes dizeres, respectivamente:

«Para as missas pelas benditas almas que penam no fogo do purgatorio!»

Oh viandante! Não te esqueças: deita aqui a tua esmola para contentar o diabo!»

O negociante sempre que ali passava, apeava-se, deitava um pataco na caixa das almas, murmurando um padre-nosso e dirigia-se depois á do diabo, lançando cinco réis, enquanto fazia o sinal da cruz e dizia de si para si: é conveniente estar em relações de amizade tambem com este».

Certo dia, o José Silvestre apanhado por uma trovada perto duma estalagem mal frequentada, onde nunca se atreveu a pernoitar, viu-se forçado a ceiar e a dormir ali.

Da ceia que lhe trouxeram nada ponde comer por ser péssimamente cozinhada. A criada que o servia, condoída por vê-lo ficar sem alimento, lembrou-se que da ceia de outro hospede, haviam sobejado dois ovos estrelados e ofereceu-se para ir buscá-los, se lhe apetecessem. O homem aceitou, comeu os ovos, e como tencionava retirar-se apenas amanhecesse, pediu a conta da despesa, que satisfez.

Na manhã seguinte, após uma noite de insónia e de terror, retirou-se.

Só passados cinco anos por ali tornou a passar e, coincidência desagradavel, uma tempestade novamente o obrigou a pernoitar na pouca risonha estalagem.

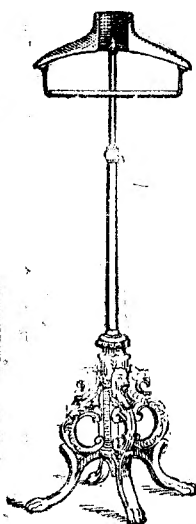
A estalajadeira reconheceu-o apenas o viu e disse-lhe:

«Vocemecê fique sabendo que eu não me esqueci do que me deve. Ha cinco anos comeu aqui dois ovos estrelados e não mos pagou. Pois tem de mos pagar agora, a bem ou a mal».

«Essa agora! — replicou indignado o José Silvestre. Eu paguei a conta que vocemecê apresentou. E esses ovos, se bem me lembro, foram a minha ceia, por não ter comido outra coisa. Se vocemecê entendesse que eu devia pagá-los, somava-os logo na conta e não deixava passar cinco anos. Não tem muito em que pensar, para se lembrar de tal ninharia! Não lho's pago!»

«Isso é que ha de pagar e com lingua de palmo — vociferou a estalajadeira. Não que ele é só comer!»

O Silvestre receando que a mulher o mandasse matar por qualquer dos frequentadores da bodega, nada mais disse. Resolveu nada comer essa noite e do manhãzinha, colocando sobre o traveseiro a importancia do aluguer do quarto e das forragens do seu cavallo, escapulinou-se, sem despedidas.



PREFIRA

um presente util que dure toda a vida

E' o «Cabide Manequim,, um presente da maxima utilidade.

Tem V. Ex. «Cabides Manequims,, para todos os preços, desde Esc. 9\$10.

Colunas para quarto — um elegante e util movel — desde Esc. 250\$00 a Esc. 450\$00, com ricos e artisticos pés d'estylo, da melhor madeira, com ferragens d'ornato niqueladas.

Não hesite! E' o brinde que lhe convem

A' venda no GRANDELA, CHIADO, alfaiatarias, etc.

DEPOSITO: RIBEIRO & SILVA — 156, R. AUGUSTA



PODERÁ

HAVER MAIOR NOVIDADE EM MALAS E CARTEIRAS DO QUE A CASA BASTOS SILVA, LIMITADA, R. S. NICOLAU, 81, TEM APRESENTADO?



COISAS AÇOREANAS

Uma zona de turismo em que ainda ninguém pensou

e todavia pode vir a ser uma das melhores do mundo

Fala-se, presentemente, muito em turismo, parecendo haver da parte do governo o proposito decidido de fazer alguma coisa de pratico e util sobre o assunto.

Ainda bem que assim é, porque não faz sentido que um país tão rico de belezas naturais como o nosso e tão ajudado pela sua posição geográfica, não represente em turismo um valor muito especial, e também porque da resolução de tão importante problema grandes beneficios nos podem advir.

Não sabemos em quantas zonas o país vai ser dividido, nem quais serão as zonas permanentes e as não permanentes, mas, pelo que já por aí corre, haverá nas ilhas uma zona apenas, a da Madeira, tendo sido completamente esquecido o arquipélago dos Açores.

Esquecido mais uma vez!

Parece que andamos a cada passo mais apostados em desconhecer as riquíssimas e formosas ilhas açoreanas, cada vez mais decididos a não fixar sobre elas a nossa atenção e o nosso interesse.

E, todavia, elas ficam ali defronte, a menos de meio caminho da Ame-



O porto de Ponta Delgada

preende da sua innumeração. Nada disso. As fabricas de assucar são fabricas de assucar, as fabricas de tabaco também, e, principalmente

Militarmente, os Açores representam o valor de uma divisão, com os seus regimentos, as suas fortalezas e as suas baterias.

A sua navegação é também muito importante. Os portos da Horta, de Angra do Heroísmo e de Ponta Delgada são os únicos que existem entre a America e a Europa, motivo porque são constantemente visitados por grandes transatlânticos, tanto de carreira como de excursionistas.

Quasi todos os paquetes da America dos "dollars", que partem para o Mediterraneo, tocam nos Açores. E se mais não tocam, é porque não existe lá turismo.

A importancia turistica dos Açores é enorme. Desde o Faial, guarda avançada do arquipélago, até à ilha de S. Miguel, pôde dizer-se que tudo é encanto e surpresa.

É exuberante a vegetação verde-negro que cobre os vales. As flores ornarn as estradas em tal abundancia que se caminham muitos quilometros entre verdadeiras matas floridas.

Os automoveis regressam dos campos

cheios de flores. O caminhante leva sempre florido o peito ou o chapéu.

No Faial, topam-se a cada passo perspectivas de incomparavel beleza. Na Terceira ha muito que observar desde os solares antigos até ás touradas bizarras e ao encantador tipo das mulheres — formosas e altivas como as suas ascendentes espanholas do tempo dos Filipes, sonhadoras e romanticas como boas portuguesas.

O Pico é um admiravel ponto de observação, por enquanto apenas explorado pelos binoculos teimosos dos americanos, que passam ao largo. E em S. Miguel encontram-se essas duas joias de rara beleza, só por si suficientes para satisfazer o turista: as Furnas e as Sete Cidades.

Onde existe aí, no país, beleza capaz de ofuscar a das Furnas e a das Sete Cidades?

E, todavia, ninguém as conhece, quasi que se ignora a sua existencia!

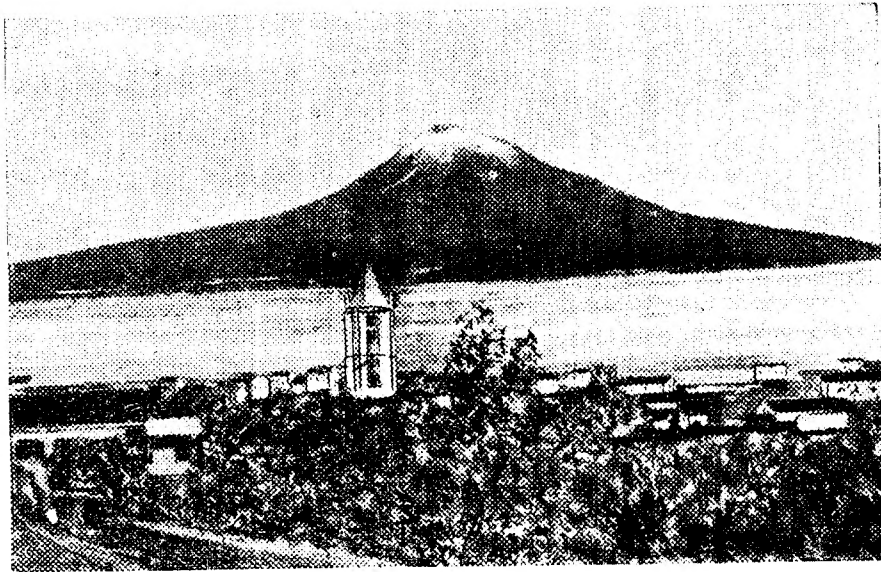
As Furnas e as Sete Cidades! Quantas nações as desejariam possuir!

Pois fala-se presentemente muito em turismo e ninguém se lembra dos Açores.

Ninguém se lembra que a esplendida e moderna cidade de Ponta Delgada se pode transformar num momento em um centro mundial de prazer, num manancial de "dollars".

Com o seu porto, quasi acabado, os seus cafés, os seus "clubs", luxuosos, os seus estabelecimentos modernos, a sua catedral manuelina e os seus automoveis, bastar-lhe-hia agora construir um bom hotel, um casino, dois "restaurants", um nas Sete Cidades e outro nas Furnas, para fixar os apaixonados do Atlantico.

Depois viria o resto. Resto que, dias, ha quem se proponha fazer já, no caso do sr. ministro do Interior, ao elaborar o decreto do turismo, se não esquecer, também, de que os Açores existem e são portugueses e ficam ali a dois dias sobre o mar...



A ILHA DO PICO—Vista do Fayal

rica, tecendo os leames da sua vida resignada.

E, todavia, elas representam uma importancia enorme. Importancia comercial, industrial e agricola. Importancia historica, militar e maritima. Importancia turistica.

Sob o ponto de vista comercial-industrial-agricola pode-se ajuizar da sua importancia, sabendo que os Açores possuem duas fabricas de assucar, quatro de tabaco, uma de cortumes, quatro de moagem, duas companhias de navegação, varias fabricas de lanificios, uma importantissima cultura de ananazes, esplendidos campos para culturas de cereais, legumes, frutos, etc. Enfim, tudo quanto é necessario para uma boa alimentação, sem faltar a carne, cuja abundancia é de nos fazer inveja.

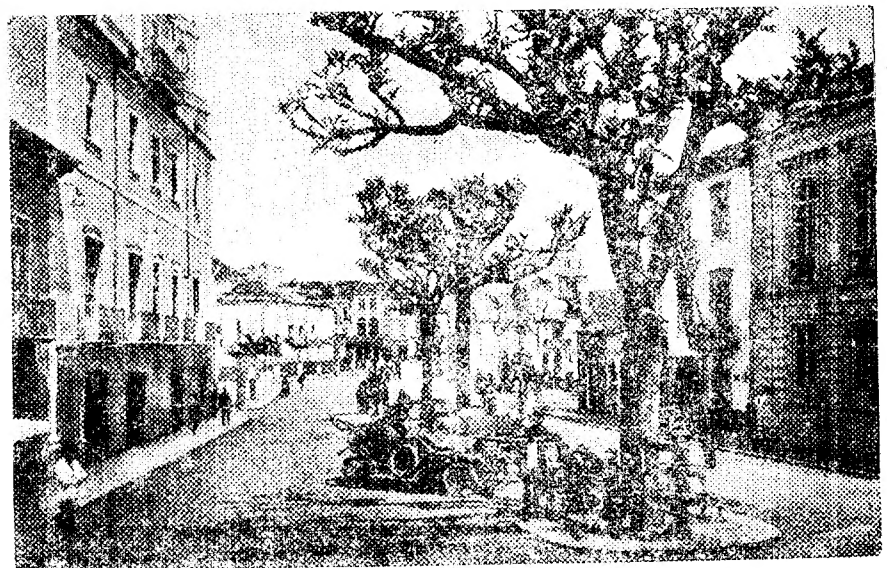
Mas, não se suponha que os elementos economicos, que acabamos de mencionar, não correspondem, em valor real, áquilo que se de-

uma, a "Michaelense", representa um excepcional valor industrial, tanto pelos seus modernos maquinismos e pela sua enorme produção, como pela sua organização de trabalho que é exemplar. Na "Michaelense", ha uma escola, ha um cofre de socorro e previdencia, e durante a sua longa existencia apenas um unico caso de resvalamento moral se notou, apesar do seu numero pessoal feminino.

As fabricas de moagem são fabricas a valer e só uma delas, a de Ponta Delgada, pode produzir para todo o arquipélago e em igualdade de condições com as melhores estrangeiras.

E assim por diante.

Sob o ponto de vista historico, ninguém ignora que os Açores foram como que um ensaio geral da nossa grande aventura maritima, ninguém desconhece o papel importantissimo que a heroica Terceira exerceu em varios momentos da vida da Nação, desde a resistencia aos espanhóis até ás expedições liberais.



PONTA DELGADA—Praça da Republica

PORCELANAS DA VISTALEGRE
Artigos próprios para
presentes do Natal
DEPOSITO DA FABRICA:
L. do Chiado

ESTRANGEIRO

Que brinde poderá haver
mais chic do que uma linda
Pele ou uma magnifica mala
das que vende a
Pelaria Confiança
R. da Palma, 3 e 3-A—Tel. Norte 3691

O QUE VAE LA POR FORA

Poeira DO MUNDO

Da Espanha

MADRID, 31.

Alguns jornais estrangeiros publicaram nos últimos dias informações absolutamente fantasistas acêrba dum pretenso complot contra o rei de Espanha e o general Primo de Rivera, falando-se mesmo de julgamentos secretos, suplicios na sombra, execuções sumarias, com apreciações gratuitas sobre o actual regime político espanhol.

Parece inútil á Agencia Fabra precisar que tais boatos são absolutamente destituídos de fundamento. O governo espanhol, embora viva num momento excepcional, e com faculdades igualmente excepcionais, e tendo como principio uma severidade exemplar em tudo quanto diga respeito á manutenção da ordem publica, tem por dever velar com o maior zelo pela legalidade e pela independência absoluta dos tribunais e pelo respeito de todos os direitos individuais, especialmente o de defeza.

Os acusados são interrogados pelos tribunais competentes, no maior regime de publicidade, e em pleno dia, qualquer que seja o seu delicto, sendo as penas impostas aquelas que são determinadas em cada caso pelo código penal espanhol.

Os meios autorizados classificam de lamentavel o acolhimento dado a estes boatos tendenciosos e falsos nas columnas de certos jornais pouco cuidadosos na fiscalisação das informações de tal forma gratuitas.—(II.)

MADRID, 31

No decurso do ultimo conselho de ministros, o orçamento do ministerio dos Negocios Estrangeiros foi objecto dum longo estudo. Este orçamento compreende a criação de consulados em Roma, Praga, Stuttgart, Dusseldorf e Dublin. No que respeita á America, são creados em Plata, Porto Alegre e Camaguey.

Faltando apenas examinar o orçamento do ministerio das Obras Publicas, o orçamento geral para 1927 deve receber os ultimos retoques no proximo conselho de ministros. O governo está inspirado nos melhores principios de economia, tendo o ministro das Finanças mantido sempre o mesmo principio de prover a todos os serviços sem exiguidades, mas afastando inflexivelmente todas as despesas supérfluas.—(II.)

Os melhores cigarros, são:
Drappin's Gold Flake
os Sarony magníficos
os The Greys famosos
VENDA UNIVERSAL
Importadores: COMERCIO DE TABACOS, LTD.

CARTA DO BRASIL

Porque

se não devem fazer
CONFERENCIAS
no Rio de Janeiro

RIO, Novembro. — De vez em quando chega-nos aqui a noticia de que um agrupamento artistico ou um ou outro artista pensa ou prepara-se para vir até Terras de Santa Cruz.

Agora, por varias vezes temos visto a noticia de que a banda do Corpo de Bombeiros se dispõe a vir até aqui.

Algumas das pessoas que aqui têm vindo nos últimos tempos poderiam, se quizessem ser sinceras, desiludir quantos cheios de enganosas esperanças na colonia portuguesa, julgam vir encontrar compensação ao seu valor ou á sua audacia.

A vinda aqui, neste momento, da banda do Corpo de Bombeiros ou de qualquer outro agrupamento representa uma verdadeira loucura.

Primeiro que tudo a crise commercial é grande neste momento, e toda a gente se retrai mais ou menos: em segundo lugar, o indifferetismo da colonia, já farta de ser explorada, é enorme, sendo abolluto.

As ultimas tentativas feitas junto da colonia, foram coroadas do mais lamentavel insuccesso. Haja em vista a missão tão altruista do sr. Desirat Monteiro, que aqui veio como delegado da Liga dos Amigos dos Hospitais. O proprio Ernesto Pressler, organizador desse grandioso movimento que é o «Portugal Maior», luta há meses com toda a sua indomável energia e entusiasmo da sua fé.

Vencerá?...

E ainda agora acaba de nos chegar ao conhecimento que, numa reunião de chefes da colonia, ficou assente que nenhuma protecção seria dada a quem aqui viesse com o fim de arranjar dinheiro ou de algum ganhar como compensação ao seu esforço intelectual.

O grande mal reside no facto de aqui constantemente arribarem cabotinos de toda a especie que além de não compensarem os favores da colonia, não conseguem fazer interessar os intellectuais brasileiros, impondo o nosso valor.

Atastados há longos anos da sua patria e desconhecendo, portanto, os seus verdadeiros expoentes, os mais importantes membros da colonia têm tomado como autenticos valores, muitos autenticos caudadores. E daí o pagar o justo pelo peccador.

Isto é lamentavel, mas é verdadeiro.

E' preciso que, de uma vez para sempre, se acabe com esse falaz miradouro.

que e a colonia portuguesa no Brasil, para que maiores desilusões se não sofram, e novos factos lamentaveis e que tantas vezes desprestigiaram o nosso nome, se não repitam.

Cada vez que os jornais publicam um telegrama annunciando a partida para aqui de um artista (e artistas são também os escritores) é fatal ouvir-se: «da vem outro á caração!».

Cada vez que se annuncia uma conferencia por um intellectual português, a mesma frase se ouve, e aqueles da nossa colonia que não têm coragem para negar-se a ficar com bilhetes, em regra não se dão ao trabalho de a ela assistir. E, só muito raramente, esses intellectuais não têm que sujeitar-se á situação deprimente de andar de porta em porta a passar os bilhetes para as suas proprias conferencias.

Os que não têm temperamento para isso, limitam-se a ter meia dúzia de amigos a escutá-lo e, quasi sempre, meia dúzia de bons amigos brasileiros.

Com os pintores, outro tanto se dá. Em geral são-lhes solicitados abatimentos e descontos, como se um quadro, uma obra de arte, em que uma alma queimou uma parte da sua existência, se podessem sujeitar ao regime de regateamento como as luzentes sardinhas fresquinhas a saltar das canastras das nossas peixeiras.

Não queremos de nenhuma modo condenar a colonia, cuja bolsa esteve mais ou menos sempre aberta para as grandes obras de patriotismo, mas simplesmente evitar a constante visita de artistas portugueses cheios de esperanças e de sonhos e que aqui vêm queimar as suas melhores illusões. Depois, tão maus artistas aqui têm vindo, por vezes, e tão mal têm procedido para com os brasileiros que sempre tão carinhosamente os recebem, que estes, têm razão para ficar de sobreaviso ou de desinteressarem também.

E' vulgar ouvir-se dizer que os artistas portugueses devem apresentar os seus trabalhos no seu país e nele procurar viver, muito embora podessemos a isto responder que assim não pensaram os que tal dizem e que há largos anos aqui vivem e gosam de invejavel situação, devemos dizer que, de facto, é em Portugal, muito embora incompreendidos e sem recompensa, que devem viver os nossos intellectuais.

Eles têm, de facto, razão...

GASTAO DE BETTENCOURT

Gomes da Silva & Torres, L.^{da}

Artigos para electricidade, sanitarios e "ménage"

Telefone C. 3598

RUA DA VICTORIA, 69 E 71, junto á rua do Ouro

Desejam festas felizes e um ano prospero aos seus Ex.^{mas} freguezes e amigos.

O QUE VAE LA POR FORA

Poeira DO MUNDO

Da Alemanha

BEBLIM, 31

O «Lokal Anzeiger» publica uma entrevista com o sr. Amery, ministro britânico das Colonias, o qual declara que a Alemanha não tem necessidade de colonias para se levantar. Todavia, se em qualquer parte existem colonias para vender, a Alemanha tem liberdade para as comprar, mas a S. das N. não tem qualquer direito a proceder a uma nova repartição de mandatos.—(II.)

Dos Estados Unidos

NOVA YORK, 31

No seu ultimo discurso sobre o desenvolvimento e a situação da Europa, o presidente Coolidge disse desejar que a coragem que as nações gastam a combater-se, dê lugar á coragem na confiança mutua, concluindo por afirmar que a America é assaz poderosa e corajosa para agir independentemente do objectivo de resistir a qualquer tentativa de dominio mundial pelo espirito militarista.—(II.)

Da França

PARIS, 31

O «Matin» diz que no decurso da sua entrevista com o sr. Briand, o embaixador do Japão declarou aderir á politica de prudência e expectativa da França em face da China.—(II.)

SIMÕES & ANDRÉ

Officina de moveis

Desejam boas festas aos seus Ex.^{mas} freguezes e amigos, e um ano cheio de prosperidades

39, RUA DAS GAVEAS, 41—Lisboa

BRISTOL CLUB DANCING

O UNICO SEMPRE EM FESTA

Policlinica

DA

RUA DO OURO

Entrada: Rua do Carmo, 98, 2.^o

Telefone N. 5353

Medicina, coração e pulmões—Dr. Armando Narciso—5 h.
Cirurgia geral, operações—Dr. Bernardo Vilar—4 h.
Rins, vias urinarias—Dr. Miguel Magalhães—10 h.
Pelo e sífilis—Dr. Correia do Figueiredo—12 e 5 h.
Doenças nervosas, electroterapia—Dr. R. Loff—2 h.
Doenças dos olhos—Dr. Mario de Mattos—2 h.
Garganta, nariz e ouvidos—Dr. Mario Oliveira—1 h.
Estomago e intestinos—Dr. Mendes Bello—3 h.
Doenças das creanças—Dr. Filipe Manso—12 h.
Doenças das senhoras—Dr. Casimiro Afonso—2 h.
Tratamento da diabetes—Dr. Ernesto Roma—5 h.
Boca e dentes—Dr. Armando Lima—10 h.
Cancro e radio—Dr. Cabral de Melo—4 h.
Raios X—Dr. Alen Saldanha—4 h.
Analises clinicas—Dr. Gabriela Ueato—4 h.

BRISTOL CLUB
Réveillon
1926-1927
DANCING

A mulher elegante e distinta
 não deve comprar o seu chapéu para inverno sem primeiro ver a colecção exposta no
Salão Aureo
 246 - Rua do Ouro - 248
 Telefone Norte 3818

ULTIMAS NOTICIAS

Companhia de Seguros LEX
 R. de S. Paulo, 78, 2.^o
 Seguros de vida,
 contra
 desastres no trabalho
 e outros ramos

Um balanço...

O ano de 1926

sob diversos aspectos nacionais

(Continuação da 5.ª pagina)

em qualidade teve, pelos mecos em quantidade, as corridas bastantes para continuar sendo a nossa primeira praça, a do Campo Pequeno, aquela que na península, depois de Madrid e Barcelona, maior numero de corridas realiza. Como acontecimento lisongeiro para nós, citaremos a estreia notável de D. Ruy da Camara, o exito do jovem cavaleiro Simão da Veiga, que não foi menor nas praças espanholas ficou sagrado uma das primeiras figuras na proxima temporada visinha, facto este que revela o interesse que D. Antonio Cañero trouxe ao toureio equestre em beneficio de todos os cavaleiros peninsulares.

O ano sportivo foi sensivelmente fraco. O "foot-ball", "sport", favorito, não trouxe melhorias, nem grandes jogos. Pugnas de imprensa e lutas estereis. Estão a pedir ditadura. Nos outros "sports", Portugal afirmou-se lá fora, senão com triunfos ao menos com galhardia.

A educação fisica não decaiu, mas não trouxe nada de novo.

O ano municipal, com o 28 de Maio, trouxe a destituição da vereação politica. A Comissão actual dá esperanças, trabalha e está livre de clientelas. Lisboa confia. Ha a questão das aguas a resolver, e outras de coturno. A Camara quer melhorar, limpar, satisfazer. A este respeito o ano de 1926 foi melhor do que o ano anterior. Sem favor.

O ano meteorologico foi irregular. Grandes calôres, grandes frios, um tremor de terra para meter pavor, um nevão milagroso para encantar os olhos. Verão duro, inverno duro — mas a grande maioria de dias de céu azul. Portugal, a este respeito, continua a ser um jardim — com o cambio desvalorizado para atrair o turista, que não vem, afinal.

1926 levou muitas figuras gradas da vida portuguesa. A este respeito foi pessimista. Mortes amigas, todos os dias. Desaparecimento de personalidades uteis à Patria, todas as semanas. Nos cemiterios aumentaram as cruzes e nos corações as saudades.

Logo, á meia noite, tornemos fortes e ergamos a nossa faixa para que 1927 redima, seja lá por que processo for, os erros passados e as desilusões de todos os anos.

STOP

A caneta mais conhecida e apreciada no mundo inteiro:

WATERMAN

O mais exigente encontrará no nosso grande "stock" desta marca uma pena especial para a sua caligrafia. Uma visita á nossa casa convencê-lo-ha do que afirmamos.

TABACARIA SERRAS
 RUA DO OURO, 26

A MORTE DUM JORNALISTA

Foi hoje

a enterrar
 o nosso camarada
 Sarmiento Duque

O enterro de Sarmiento Duque, realizado esta tarde foi uma nota grave, profunda, e imemorável de saudade. A' rua Latino Coelho, pôde-se bem dizer, sem exagero, foram todos os seus camaradas de trabalho. E foram também amizades indistinctíveis, que fóra da imprensa apreciavam as notadíssimas qualidades de carácter de Sarmiento Duque, e o seu espirito brilhante de jornalista moderno.

A's 3 horas da tarde era deposta a urna, no tempo da qual se via incrustado um Crucifixo, na carreta.

Bem depressa os ramos, as corôas velaram com a sua melancolia doce, de almas transparentes, o ultimo sono do nosso querido camarada. Uma corôa do *Diario de Lisboa*, outra do *Diario de Noticias*, outra do sr. José Dias Simões, outra ainda da familia do extinto; lindos ramos de flores da Administração do *Diario de Lisboa*, de Aurora Jauffret (La Goya), dos continuos do *Diario de Noticias*, etc.

O acompanhamento foi quasi todo a pé — assim o quizeram alguns dos amigos de Sarmiento Duque. A' entrada do cemiterio do Alto de S. João era enorme a multidão.

Muitas pessoas de nome na politica, que aqui não citamos porque se incorporaram nos turnos.

O caixão foi tirado da carreta pelos jornalistas Aprigio Mafra, Augusto Pinto, Pinto Monteiro, Amadeu de Macedo, Mario Barros, Fausto Vilar, Adriano Costa e Julio Cayola.

No cemiterio, o turno de honra foi assim constituído:

Eduardo Schwalbach, illustre director do *Diario de Noticias*, Rangel de Lima, dr. Beirão da Veiga, Julio Cayola, representando seu pai Lourenço Cayola; Antonio Ferro e Abel Moutinho.

2.º turno — Mario do Rosario, Justino Fonseca, Costa Leão, Cayola Zagalo, Guilherme Pereira, Aristio Saturnino, Faria Oliveira e Filomeno.

3.º turno — Augusto Pinto, Belo Redondo, Fausto Vilar, Adriano Costa, Paulo de Brito Aranha, Pinto Monteiro e Abilio Carvalhal.

4.º — Plinio Silva, dr. Alfredo Guisado, dr. Veiga Simões, capitão Rodrigues Alves, Lino Ferreira, Bartolomeu Severino e Leopoldo O'Donnell.

5.º — Mario Barros, Vasconcelos e Sá,

Carlos Moniz, Anselmo Franco e tenente coronel Rodrigues.

6.º — Norberto de Araujo, Felix Correia, Artur Portela, Carlos Ferrão, Rogerio Perez, Paulo Freire, José Parreira, Miguel Martins e Manuel Nunes.

7.º — Pedro Miranda, Amadeu de Freitas, Contreiras, João Rodrigues Alves, João e D. Maria da Luz.

8.º — Baptista Diniz, Julio Coimbra, Mario Quintela, Jaime Leitão, Cristiano Lima e Jaime Lança, pela direcção do Sindicato dos Profissionais da Imprensa, e Jorge Gonçalves, pela casa dos Jornalistas.

9.º — Dr. João Camoegas, major Domingues, chefe Nazareth, tenente Freiria e Paulo da Costa.

10.º — Damião dos Santos, Alfredo Martins, Ribeiro Gomes Major, etc..

O ultimo foi constituído pelas pessoas de familia.

Junto do jazigo da familia Pio Barral, onde ficou depositada a urna contendo os restos do nosso querido camarada, falaram os srs. Rangel de Lima, que proferiu uma comovida despedida; Cristiano Lima, em nome do Sindicato dos Profissionais da Imprensa; Artur Portela, pela redacção do *Diario de Lisboa*, e o empresario José Climaco, em nome dos trabalhadores de teatro.

Dirigiu o funeral o nosso camarada Rocha Junior, chefe da redacção do *Diario de Noticias*. O sr. José Sarmiento, tio de Sarmiento Duque, acompanhou até á ultima morada o cadaver de seu sobrinho.

O nosso camarada Norberto de Araujo representava o nosso grande amigo sr. Antonio Vieira Pinto, que encontrando-se em Coimbra, enviou para esta redacção um sentido telegrama de condolencias e tambem o sr. dr. Joaquim Manso.

Artur Portela em nome de Alfredo Vieira Pinto, Pedro Bordallo e Alvaro de Andrade.

Carlos Ferrão representava o sr. Cunha Leal, governador do Banco de Angola.

O sr. Baptista Diniz em nome do *Mundo* e do seu director Urbano Rodrigues, etc., etc.

LOTERIA

7100....	800.000\$00	7333....	6.000\$00
2385....	150.000\$00	7731....	6.000\$00
6528....	50.000\$00	7740....	6.000\$00
6122....	20.000\$00	8141....	6.000\$00
2474....	6.000\$00	8217....	6.000\$00
4930....	6.000\$00	8634....	6.000\$00
7007....	6.000\$00	9191....	6.000\$00

K-25-402

O sr. Simões Costa (filho) matou ha dias, entre diversa caça, um pombo corvo que tinha uma anilha de aluminao com a inscrição acima, nos terrenos da Serra de Monsanto.

A igreja de S. João da Praça

Do sr. José Luis Ribeiro recebemos uma carta, sobre a lemandade do Santissimo da igreja de S. João da Praça, que segunda-feira publicaremos.

Viajantes ilustres

A bordo do "Almanzora", passou hoje por Lisboa, dirigindo-se para Londres o general sr. Tolly, antigo ministro da Guerra da Inglaterra.

Com destino a Paris, passou hoje tambem por Lisboa, no mesmo barco o sr. dr. Paulo Filho, director do "Correio da Manhã", do Rio de Janeiro.

DE LUTO

D. Alice Alves da Silva

Após doloroso sofrimento, faleceu em casa de sua cunhada, a sr.ª D. Laura Alves da Silva Cunha, na rua de Santa Marta, 258, a sr.ª D. Alice Alves da Silva Macedo, esposa do conceituado negociante de Vilar do Paraizo (Valadares), o sr. Pedro de Macedo.

O funeral realisar-se-ha amanhã para a estação do Rocio, de onde seguirá para o Porto em wagon arnado em camera ardente.

Uma carta

A nova

reforma
 do ensino
 e os estudantes

Senhor director.—Como viesse publicado no seu conceituado jornal um artigo subordinado ao titulo de «Como podem ser evitados os inconvenientes da reforma de ensino» e como o mesmo se referisse a pontos que interessam sobremaneira a todos os alunos, abrangidos por essa reforma e muito especialmente os da 6.ª classe: as comissões que representam todos os liceus de Lisboa, julgam conveniente esclarecer certas considerações, e fazer alguns reparos a esse artigo.

Ao ser publicada a actual reforma de ensino secundario, englobando num só ano o antigo 6.º e 7.º, excluindo disciplinas, e criando um exame de admissão realizavel nas Faculdades, todos os alunos deste curso atingidos pela reforma, sem a previa preparação das classes anteriores, sentiriam feridos os seus interesses colectivos. Resolveram, portanto, nomear uma comissão em cada liceu, cujos delegados fossem alunos da 6.ª classe, a fim de se estudar em comum algumas alterações que reputavam necessario solicitar da parte do sr. ministro da Instrução. Para esse fim, foi-nos cedido pelo sr. reitor do liceu de Passos Manuel, que amavelmente se collocou ao nosso lado, a sala de conferencias, onde, após varias reuniões, elaboramos um relatório que apresentámos a sua ex.ª e em que pediamos o seguinte:

1.º Abolição do exame de admissão ás Faculdades.

2.º Desdobramento do actual programa da 6.ª classe em 2 anos, apenas acrescido da cadeira de desenho.

3.º Que o exame final seja effectuado dentro dos liceus.

4.º Que estas disposições entrem em vigor ao 2.º periodo.

Disto constava o nosso relatório, o qual sua ex.ª achou racionalissimo, e com o qual concordou plenamente, prometendo atender as nossas justas reclamações.

Ora no artigo publicado ante ontem, e a que me referi, existem pontos que estão em contradição com os nossos principios e para os quais chamamos a attenção.

Diz o artigo:

Alterar a doutrina do artigo 95.º, em que se diz ser a classificação, nos 2 primeiros periodos, pelas designações de mau, mediocre, sufficiente, bom e muito bom, e somente no 3.º periodo ser numerica.

Achamos toda a razão, e foi nosso intuito juntar ao relatório mais essa pretensão, o que, porém, não se fez, dada a importância de outras alterações a fazer e que careciam de maior estudo.

No 2.º, diz o artigo:

Extinção do exame de admissão ás Escolas Superiores, voltando-se a saída, no 6.º ano (ano preparatorio). Como argumento, apresenta-se: um professor não dá o programa todo e o aluno é interrogado sobre todo ele.

A abolição desse exame, bem como o argumento aqui presente, foi por nós apresentado; porém, não concordamos com a saída no 6.º ano.

E senão, vemos.

Se um aluno lança como argumento, contra o exame de admissão, a falta de tempo para estudar um programa que antigamente se dava em 2 anos, como pode pedir um exame final de 6.ª classe, dentro dos liceus, se o tempo e a amplitude do programa são os mesmos?

Nós pedimos um desdobramento, e não esperamos benevolências.

E diz mais o artigo:

Alterar o programa de desenho de forma que seja dividido pelos 6 anos.

Tambem não concordamos, porque, ao pedirmos a introdução desta disciplina, foi exactamente por acharmos pouca a materia que se dava até ao 5.º ano, e, portanto, não estarmos, mais tarde, habilitados a estudar esta disciplina no Curso Superior.

Quanto ás outras alterações, tais como a distribuição das materias, deixamos a quem compete, limitando-nos a fazer sentir ao sr. ministro da Instrução a necessidade duma immediata solução, no sentido de bem acatar as nossas reclamações, e cuidar dos inconvenientes que, neste momento, affectam os interesses dos estudantes liceaes.

O presidente da Comissão

A mando Braga Ferreira Quaresma

Collares Mazzioti
 Primeira marca de vinhos
 creada
 na região do Colares
 TELEF. N. 651

O DIARIO DE LISBOA vende-se, na Figueira da Foz, na tabacaria Malafaya.